

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA**

CAMPUS JARAGUÁ DO SUL

CAMILA DA MOTA HEERDT

FERNANDA DE LARA ROMUALDO DA SILVA

IZABELA CABRAL GOULART

LUIZA FERREIRA BORGES

MARIA FERNANND A EING TOREZIN

VINICIUS DE MORAES

**Como os Contos de Fadas Influenciam na Percepção de Padrão de
Beleza das Crianças**

Jaraguá do Sul
2016

CAMILA DA MOTA HEERDT
FERNANDA DE LARA ROMUALDO DA SILVA
IZABELA CABRAL GOULART
LUIZA FERREIRA BORGES
MARIA FERNANND A EING TOREZIN
VINICIUS DE MORAES

Como os Contos de Fadas Influenciam na Percepção de Padrão de Beleza das Crianças

Relatório de resultados desenvolvido no eixo formativo diversificado “Conectando os Saberes” do curso Técnico em Química (Modalidade Integrado) do Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Jaraguá do Sul.

Orientadora: Isabeli Mazzon Milani

Coordenador: José Roberto Machado

Jaraguá do Sul
2016

RESUMO

Com o tema “Como os Contos de Fadas Influenciam na Percepção de Padrão de Beleza das Crianças”, a presente pesquisa tem como objetivo averiguar se os contos de fadas da Disney influenciam na construção dos ideais de padrão feminino de beleza na infância e se eles se perpetuam ao longo da vida adulta, produzindo assim preconceitos acerca da imagem do outro. Para tal, foram aplicadas entrevistas em uma turma escolar infantil (para a constatação, ou não, da influência exercida pelos contos) e questionários em duas turmas de jovens (objetivando estabelecer as relações necessárias para a verificação da possibilidade de os padrões se perpetuarem). A percepção de ideal de beleza vem mudando conforme a história da humanidade, e observa-se que animações Disney expõem padrões correspondentes aos atuais, o que gera uma influência, mesmo que inconsciente, nas crianças expostas a elas, sendo que a infância é justamente a fase em que os indivíduos são mais suscetíveis a estas influências externas. Ao analisar as respostas obtidas com as entrevistas infantis, nota-se uma tendência clara a um padrão de corpo magro, pele clara e olhos também claros associados à beleza e, à feiura, pele, olhos e cabelos escuros, o que destaca a relação entre o escuro e o claro, respectivamente associados à maldade e à bondade. Através dos questionários aplicados nos jovens, constatou-se a continuidade da maioria dos padrões observados nas crianças entrevistadas, enquanto para outros ideais verificados anteriormente a perpetuação não ocorreu por completo.

Palavras chaves: Padrão de beleza. Contos de fadas. Infância.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	5
2.1. <i>Padrão de beleza feminina</i>	5
2.1.1. Representação feminina na mídia	6
2.2. <i>Contos de fadas</i>	7
2.2.1. A representação das bruxas nos Contos de Fada.....	10
2.2.2. O preto e o branco.....	11
2.2.3. Negritude	11
2.3. <i>Infância</i>	12
2.3.1. A primeira e segunda infância	13
3. METODOLOGIA	14
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	16
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
APÊNDICES	48

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto se deu a partir da observação de padrões femininos de beleza inerentes na sociedade. Hipoteticamente, um dos fatores para a existência deles seria a influência dos referenciais de beleza durante a infância dos indivíduos, fazendo com que os padrões, possivelmente, se perpetuem pela vida dos mesmos.

A influência de um padrão de beleza pode ocorrer mesmo de forma inconsciente, e a não adequação a esses padrões pode gerar um sentimento de inadequação, manifestado por exclusão social. Portanto a importância de se perguntar sobre um dos fatores que podem levar aos preconceitos e sobre como as crianças podem ser influenciadas nesse sentido.

Na infância, um dos primeiros contatos com padrões de beleza são os contos de fadas *disneyficados*¹, com princesas exclusivamente magras, com cabelos arrumados, traços suaves, delicadas, gentis, passivas, ou seja, padronizadas. Levando em conta estes aspectos, pretende-se averiguar a corroboração das hipóteses elaboradas, verificando se os contos exercem influência na percepção das crianças sobre padrão de beleza, bem como se estes padrões se perpetuam ao longo da juventude podendo influenciar de forma negativa nas relações interpessoais dos indivíduos, alguns mais que outros, possivelmente.

Quanto aos objetivos, tem-se: verificar os padrões presentes nos contos e a possibilidade de as crianças serem influenciadas por eles, bem como a perpetuação desses padrões durante a juventude. Além disso, se objetivou uma maior compreensão sobre a absorção de informações durante a infância, que foi procurada por meio de revisão bibliográfica.

Além da bibliografia, o grupo fez uso de entrevistas estruturadas (apêndice II) e aplicação de questionários (apêndice III) As entrevistas tiveram como propósito a verificação da hipótese de que nos contos de fadas estão presentes ideais de beleza e que eles exercem influência durante a infância dos indivíduos. Foram entrevistadas crianças do 2º ano do ensino fundamental (faixa etária de 7 a 9 anos), após serem expostas a um conto de fadas criado pelo grupo (apêndice I), com elementos dos contos *disneyficados*.

Os questionários foram aplicados, para verificar a possibilidade da perpetuação dos ideais de beleza supostamente percebidos nas crianças, em turmas do 1º e 3º anos do ensino médio (14-16 anos e 16-18 anos, respectivamente), contando com perguntas subjetivas, além

¹Diz-se dos contos de fadas adaptados pelos Estúdios Disney.

de questões objetivas que já faziam parte do questionário das crianças, fazendo-os refletir sobre a presença de padrões de beleza na sociedade e sobre a influência exercida pelos contos de fadas na percepção desse padrão.

Espera-se, ainda, que alguns dos indivíduos apresentem respostas que correspondam mais efetivamente aos padrões percebidos pelo grupo, o que indica uma influência maior que a recebida por outros. Ou seja, algumas pessoas provavelmente foram mais influenciadas que outras com relação aos padrões de beleza.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Padrão de beleza feminina

A associação do papel social da mulher com o seu corpo não é algo da contemporaneidade. Os ideais de subordinação e de inferioridade feminina tomam forma possivelmente desde Grécia antiga, onde filósofos como Platão, Hipócrates e

Aristóteles defendiam esses ideais. Aristóteles afirmava, por meio de seus estudos, que o cérebro feminino era menor que o masculino; Platão, que as mulheres eram reencarnações de homens covardes; e Hipócrates que o corpo feminino servia apenas como receptáculo para a semente masculina, que era mais forte (COLLING, 2004).

Esse discurso de inferioridade da mulher perante o homem foi amplamente utilizado pela Igreja católica na Idade Média, período em que a beleza começou a ser associada com o caráter interior.

No início do século XVI, o corpo roliço era o considerado bonito, pelo fato de significar abastamento de comida e, conseqüentemente, de dinheiro. Nesse mesmo período as mulheres passaram a perceber na beleza um modo de aceitação na sociedade, não mais um mero capricho, a beleza se tornou uma necessidade (VASCONCELLOS; SUDO; SUDO, 2004).

Avançando para o período da Revolução Industrial (século XIX), surgiu um novo entendimento sobre o corpo, o excesso de gordura foi atribuído ao desleixo e condenado pela sociedade. A beleza foi, então, relacionada à saúde, mas foi no século XX que se evidenciaram os cuidados com o corpo, objetivando a saúde e refletindo na aparência. Este aspecto se acentuou devido a cultura da academia, já que ela influencia os indivíduos a buscarem a perfeição corporal. Além disso, mudanças no vestuário feminino (roupas mais curtas e, por causa da inserção da mulher no trabalho, mais funcionais) se fizeram necessárias.

A beleza não é a mesma em todo lugar, e muito menos é a mesma o tempo todo, mas atualmente a mídia mundial apresenta os padrões cada vez mais estereotipados, baseando-se no corpo magro, livre de gordura, que é dito possível, mesmo que não o seja para a grande maioria da população. A incapacidade de atingir os padrões impostos acarreta em efeitos colaterais, como baixa autoestima, inadequação e ansiedade (MORENO, 2008, p. 13). Nossa sociedade expõe a mulher como uma forma de acentuar seus padrões, e é cada vez menos tolerante com a fuga deles, mantendo-se assim o domínio masculino e forçando, ao se vincular relações de poder à aparência, uma competição não-natural por direitos dos quais os homens se apropriaram (WOLF, 1992, p. 15).

2.1.1. Representação feminina na mídia

Pode-se perceber, na atualidade, um louvor exagerado ao corpo, que é enraizado na mídia, principalmente quando se trata da mulher. Estas mídias transmitem um padrão que é

evidenciado como sendo ideal, e devido às mudanças sociais que caracterizam cada época, muda conforme o passar dos anos.

Já na infância, atribuem-se regras que diferenciam o corpo feminino do masculino, justificadas pelas diferenças biológicas entre ambos. Sendo assim, confere-se as mulheres atitudes mais emocionais, sensibilidade, fragilidade, pouca aptidão para ciências exatas, entre outras. Enquanto, em relação aos homens, espera-se atitudes como maior agressividade, pouca sensibilidade, empatia e maior aptidão para ciências exatas. Quando os corpos não correspondem às características listadas, sofrem opressão. Percebe-se então que as preferências sociais e personalidade dos indivíduos são moldados de acordo com o que se é esperado pela sociedade.

Enquanto aos homens é ensinado e esperado a virilidade e agressividade, das mulheres se ensina e espera que sejam belas, delicadas e sensíveis. O que pode ser percebido desde muito cedo, com os brinquedos que são destinados para cada gênero, armas e videogames são para meninos, enquanto bonecas e brinquedos que imitam utensílios domésticos são para meninas [...] (CARVALHO, 2016, p. 4).

Segundo Carvalho, até a década de 20 o padrão apresentado era o corpo saudável, isento de enfermidades, representado nas propagandas da época. Já a partir desta década as indústrias da moda e cinema começaram a ser representadas na mídia na forma do uso de maquiagens e conseqüentemente induziram uma maior preocupação com o corpo por parte das mulheres, gerando um padrão de magreza. Intensificou-se, na década de 50, a partir das estrelas de cinema, a idealização de um novo padrão de corpo.

O corpo ganha, então, espaço social e visibilidade nunca antes alcançado, nos anos 80. Já na década de 90, com o avanço da medicina tornou-se possível a modificação do corpo através de intervenções cirúrgicas com finalidade estética (SAUERBRONNI; TONINI; LODI, 2011, *apud*, CARVALHO, 2016, p. 5).

2.2. Contos de fadas

Os contos de fadas são narrativas que trazem como personagens principais seres ou pessoas gentis, que passam aos espectadores uma sensação boa em relação a sua aparência, sua maneira de ser. Suas histórias têm como principais objetivos a vitória do bem sobre o mal, são compostas por diversas aventuras envolvendo criaturas e situações mágicas. Estas proporcionam seu crescimento e seu desenvolvimento como pessoa, fazendo com que ao final da história haja uma lição de moral a ser aplicada. Ou seja:

Os contos de fadas são uma variação do conto popular ou fábula. Partilham com estes o fato de serem uma narrativa curta, transmitida oralmente, onde o herói ou heroína tende enfrentar grandes obstáculos antes de triunfar contra o mal. Caracteristicamente envolvem algum tipo de magia, metamorfose ou encantamento, e apesar do nome, animais falantes são muito mais comuns neles do que as fadas propriamente ditas (SILVA, 2010, p.10).

Em sua origem, os contos de fadas eram uma forma de entretenimento transmitida oralmente tanto para adultos quanto para crianças, “não havendo consideração especial às crianças já que estas eram vistas como humanos de pequeno porte” (CORSO, 2006, *apud*, SÁ, 2008, p. 12). Estes contos eram transmitidos de forma mais violenta, dando maior ênfase à sexualidade.

Com o tempo começaram a ser apresentados de forma escrita, havendo alteração do seu conteúdo que, de acordo com Reis, retrata a “inclusão da moralidade como forma de educar crianças” (REIS, 2014, p. 26). Este aspecto fez com que as famílias valorizassem mais a infância, percebendo que seus papéis como educadores nessa fase influenciariam na maneira de ser moralmente e profissionalmente, conforme seu desenvolvimento.

Dentre aqueles que reescreveram as histórias estão: Perrault, que inseriu uma moral nos contos, tornando-os educativos; e os irmãos Grimm, que os transcreveram seguindo os contos originais de forma mais fiel. Mais tarde, os estúdios Disney adaptaram os contos de fadas para filmes.

Para Lopes, os filmes animados de princesas da Disney são considerados verdadeiros mitos modernos, pois apresentam uma realidade adornada sempre com um final feliz. São filmes que estão repletos de simbologias e se tornam um modelo: “fazem uso de imagens arquetípicas, símbolos que representam conteúdos inconscientes e produzem efeitos psicológicos em seus espectadores” (LOPES, 2015, p. 13).

De acordo com Fernanda CabanezBreder, as princesas da Disney são divididas em três categorias: Asclássicas (1937-1959) lembradas por suas lindas vozes, comportamentos exemplares, animais da floresta que lhe fazem companhia e uma beleza estonteante. Estas são Branca de Neve, Cinderela e Aurora (A Bela Adormecida) todas apresentando corpos magros com cinturas extremamente finas, cabelos perfeitamente arrumados e traços delicados, nesse período o papel do príncipe é pouco explorado, tanto que até o filme “A Bela Adormecida” os príncipes não tinham sequer um nome definido (BREDER, 2013, p. 32-33). Por meio disso.

Percebe-se, a partir desses contos clássicos, que os atributos das personagens femininas apresentam a mesma regularidade: a resignação diante de algo que aparentemente é imutável, a autoridade e o respeito às leis estabelecidas e

impostas por uma sociedade patriarcal. Cinderela, Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho são dóceis e amáveis e lembram as garotas ingênuas e desprotegidas, que estão expostas aos perigos do mundo. As fadas lembram a mãe protetora e as bruxas lembram a madrasta, a mãe malvada (SOARES, CARVALHO, 2015, p. 2)

Figura 1 – Princesas clássicas da Disney



Disponível em: <https://pt.aliexpress.com/cheap/cheap-aurora-backdrop.html> acesso: 30 jan. 2017

Há também as rebeldes (1989-1998) compostas por Ariel (A Pequena Sereia), Bela (A Bela e a Fera), Jasmine (Aladdin), Pocahontas e Mulan, além de terem belas feições e vozes, possuem personalidades fortes, quebram regras e acabam mudando seus destinos. “Bela é apaixonada por livros, Jasmine recusa-se a se casar por ordens do pai, Mulan se veste de homem para ir à guerra, Pocahontas enfrenta as leis de sua tribo e ensina um homem branco a respeitar a natureza” (BREDEK, 2013, p. 35), contudo estas princesas ainda apresentam as características padronizadas das clássicas. Por meio da globalização mundial a Disney começa a criar princesas de diferentes etnias para ampliar seu público (BREDEK, 2013, p. 35-36).



E por fim tem-se a categoria das contemporâneas (2009-2013) constituída pela Tiana (A Princesa e o Sapo), Merida (Valente), Elsa e Anna (Frozen: uma aventura congelante) as quais segundo Lopes são independentes e mesmo no amor verdadeiro buscam uma relação de cumplicidade. Como, por exemplo, Tiana, que não poupa esforços se dedicando integralmente ao seu emprego.

Esses enredos contemporâneos trazem uma inovação ao mostrar que o amor verdadeiro nem sempre é um amor romântico, como na história da princesa Merida e sua mãe, ou Anna que reconhece o amor verdadeiro como o amor fraternal. Os filmes das princesas contemporâneas “tratam alguns costumes tradicionais, frequentemente representados pelas princesas clássicas, com uma veia cômica, às vezes, inclusive, os ridicularizando” (LOPES, 2015, p. 48).

Essa divisão de categorias vem ocorrendo conforme a realidade histórico-social, no decorrer do tempo, interfere no comportamento das princesas (BREDEK, 2013, p. 10). Esses estereótipos estão em constante transformação, porém ainda contém traços clássicos muito marcantes, que mesmo passando por diversas mudanças ainda não foram inovados.

2.2.1. A representação das bruxas nos Contos de Fada

Os contos de fadas são responsáveis por passar valores para as crianças, que serão guardados para o resto da vida, eles apresentam uma clara separação entre bem e mal, heróis e vilões, que ajudam na formação do caráter desses indivíduos. Essa distinção teria se originado na cultura judaico-cristã, causada pela configuração ética do homem, que possui dificuldade em aceitar um meio termo (Franz, 2002, p. 4).

Nos contos de fada, as vilãs se mostravam personagens astuciosas, mesmo que em alguns casos não eram um exemplo a ser seguido. Estavam destinadas a infelicidade por não corresponderem ao esperado de uma mulher na época, já que não apresentavam qualidades

como as das princesas. No livro *Como apavorar as bruxas?*, de Catherine Leblanc (2015), as bruxas são descritas como mulheres de aparência desagradável, fortalecendo a imagem que em geral as pessoas têm delas. Além disso, são caracterizadas por vestirem tons escuros, como o preto.

2.2.2. O preto e o branco

O preto é a ausência absoluta de resistência, se opondo ao branco, podendo ser associado a morte e a falta de possibilidades. Nas associações de Kandinsky, o branco significa “a pureza (sem mácula), a alegria, o início e a eterna possibilidade - a esperança” (KANDINSKY, *apud*, BARROS, 2011, p. 190).

Para Harvey (2003), o preto possui vários significados, mas sua principal associação é com a escuridão e com a noite. Segundo ele um pigmento preto na pele é ligado ao mal, morte, doença, poluição, pecado e feitiçaria desde a antiguidade, e em muitas sociedades, tanto que guerreiros, ao irem para a guerra, escureciam a pele para causar medo aos inimigos com a visão da morte.

Além disso, vestes pretas também representam poder e foram usadas por autoridades como monges e ministros, mas sua “associação mais antiga é com a morte, o pesar e com o medo da morte” (HARVEY, 2003, p.55-56). O uso do preto para o luto é uma prática antiga, relata-se o uso de togas pretas nos funerais das civilizações greco-romanas, mas há divergências sobre sua origem. Com o passar do tempo, os monges passaram a usar vestes brancas, pois representava o Cristo radiante e simbolizava alegria e solenidade. O branco passa a ser também a cor do casamento para as mulheres, pois significava alegria nupcial; enquanto no século XIX passa a simbolizar a virgindade da noiva (HARVEY, 2003, p. 266).

2.2.3. Negritude

Um dos fatores importantes para a permanência dos contos na psique humana é o fato de eles não localizarem o sujeito no tempo-espaço, fazendo com que o conto possa ser vivido por qualquer pessoa em qualquer momento de sua vida ou história (BETTELHEIM, 1995, *apud* BELARMINO; BORGES, 2010, p. 2).

Para Lima (2016), o sucesso de uma obra de ficção é causado pela empatia que os personagens provocam no espectador. Quando esse personagem pertence a uma minoria essa conexão afetiva tende a reduzir os preconceitos do espectador relativos àquele grupo.

Porém, quando são misturadas pessoas que pertencem a minorias, como homossexuais, transexuais ou negros, com outras que não estão em situações específicas, o

sentimento de intolerância tende a se disseminar. Por exemplo, em uma pesquisa da professora de comunicação Srividya Ramasubramanian, foi constatado que a exposição a personagens negros estereotipados na televisão aumentava a probabilidade de associar características como “preguiçoso” ou “bandido” às pessoas negras e diminuía a propensão a apoiar políticas afirmativas voltadas para esse grupo.

Sendo assim, os contos de fada podem gerar uma influência negativa ao estereotipar uma pessoa negra, piorando as relações interpessoais do indivíduo e criando ou agravando um preconceito já existente.

A base de toda hierarquia de raça e gênero presente na sociedade brasileira atual é a subordinação de mulheres negras e indígenas perante homens brancos no período colonial, cultura trazida para o Brasil pela imigração europeia, cultivando aqui uma sociedade patriarcal. Este aspecto permanece enraizado no imaginário social, mantendo as relações de poder instituídas durante a escravidão.

Atualmente, mulheres negras não são consideradas tão frágeis quanto mulheres brancas, já que durante a escravidão trabalhavam como escravas nas lavouras e nas ruas. Este aspecto se faz presente na animação “A princesa e o sapo” da Disney, onde Tiana, uma princesa negra, nunca foi tratada como mulher frágil e dependente, diferente do que ocorre com as princesas brancas.

2.3. Infância

Segundo Ribas, Borenstein e Padilha (2007), a infância é uma fase que começa nos primeiros meses de vida e vai até cerca de 12 anos.

Sendo que, durante esse período, há certas faixas etárias em que a criança sofre uma maior influência, principalmente nas idades entre 5-6 e 8-9 anos, de padrões com que tem contato e assim acabam tratando de forma diferente e pejorativa quem foge desse padrão (HIDALGO, PALACIOS, 1955, p. 248). Um desses ideais é, muitas vezes, o conto de fadas.

No decurso de sua formação, o indivíduo é exposto aos contos de fada *disneyficados* e, com isso, pode acabar se identificando e se espelhando nos personagens, pois “a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à crianças com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida” (BETTELHEIM, 2002, p. 10). Sendo assim, ele não faz distinção entre certo e errado, dando mais importância a quem desperta sua admiração ou sua aversão.

Existem casos, ainda, que a criança se identifica com a história, por haver uma semelhança entre a sua vida pessoal e a vida do personagem, gerando na criança vontade de ser igual a ele, independentemente de seu caráter, sendo ele o “vilão” ou o “mocinho”.

A questão para a criança não é "Será que quero ser bom?" mas "Com quem quero parecer?". A criança decide isto na base de se projetar calorosamente num personagem. Se esta figura é uma pessoa muito boa, então a criança decide que quer ser boa também (BETTELHEIM, 2002, p.10).

Deste modo a criança, vai se desenvolvendo e formando sua personalidade.

2.3.1. A primeira e segunda infância

A socialização exige a participação direta da criança, pois “é um processo essencialmente ativo que se desenrola durante toda a infância e adolescência por meio das práticas e das experiências vividas” (BELLONI, 2007, p. 58). Essas experiências não envolvem apenas a família e a escola, abrangem todas as influências presentes no meio social em que o indivíduo está inserido.

Dentre os sistemas de socialização, existem os que diferenciam as crianças e os que atuam como unificadores sociais. A família, religião, classe social e ambiente de convívio seriam os diferenciadores de personalidade, enquanto escola e mídia servem como meios de padronização de conceitos sociais.

Durante o período de socialização há certas faixas etárias em que o indivíduo pode se tornar mais suscetível às influências presentes em seu meio social. Faixa etária de 2 a 7 anos:

Caracteriza-se pelo desenvolvimento progressivo dos processos de simbolização, ainda não integrados em estruturas lógicas. Certas limitações são típicas desse estágio: egocentrismo cognitivo, ausência de reversibilidade, insensibilidade à contradição, pensamento ainda exclusivamente ligado aos indícios perceptivos e raciocínio intuitivo. (LUQUE, PALACIOS, 1995, p. 58)

Já na faixa etária de 7 a 11 anos a criança desenvolve raciocínio lógico e capacidade de reverter os padrões adquiridos a partir dos 7 anos, os padrões adquiridos antes dos 7 anos são irreversíveis .

É caracterizado pela superação do egocentrismo, o aparecimento da lógica e da reversibilidade. As operações da lógica concreta são possíveis quando o indivíduo enfrenta situações específicas; caso tenha que realizar tarefas similares, mas com materiais ou conteúdo abstratos, suas possibilidades diminuem (LUQUE, PALACIOS, 1995, p. 59).

3. METODOLOGIA

Inicialmente, os temas abordados foram revisados e projetos semelhantes e artigos foram analisados, buscando semelhanças no tema pesquisado pela equipe. A partir dessa revisão, notou-se a possibilidade da comprovação das hipóteses estabelecidas.

Para que fosse possível coletar dados para análise, estabeleceu-se a necessidade de criar um conto de fadas (apêndice I), que apresentasse apenas as características psicológicas das personagens. Após isso, foram elaborados questionários que abordam perguntas quantitativas e qualitativas sobre o padrão de beleza previamente estipulado, a aparência da princesa, do príncipe e da bruxa (cor dos olhos, cabelo, altura, roupas, entre outros). “Na Contemporaneidade, há uma explícita tendência à supervalorização da aparência, o que leva as pessoas a buscarem formas corporais consideradas ideais para que sejam aceitas e admiradas na sociedade” (CASSIMIRO, GALDINO, 2012, p. 76).

Os questionários foram aplicados em uma escola particular, acompanhado do conto de fadas *disneyficado*, criado pela equipe. A aplicação foi realizada em três turmas, com crianças de 7-8 anos, adolescentes de 14-16 anos e de 16-18 anos. “As crianças de idade entre os 5-6 anos e o 8-9 anos são mais comumente influenciadas pelos estereótipos a que são expostas, assim criticando, ridicularizando e desaprovando quem se desvia desse estereótipo” (HIDALGO, PALACIOS, 1955, p. 248). A preferência por uma escola particular se deu pela maior facilidade de encontrar todas as faixas-etárias necessárias para o grupo numa mesma instituição de ensino, tendo um nível social e econômico parecido.

Na turma das crianças, a orientadora da equipe leu o conto e, logo após, cada integrante entrevistou uma criança de cada vez, anotando suas respostas. Entrevista pode-se conceituar naquela “(...) em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas (...) é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 197). Na turma do 1º ano do ensino médio foram distribuídos os questionários e contos por dois integrantes da equipe, para que os alunos fizessem suas análises individualmente, sendo que em seus questionários haviam perguntas qualitativas e quantitativas, com a intenção de verificar se os padrões impostos se perpetuam após a infância. Os adolescentes do 3º ano não se encontravam disponíveis para aplicação, pois estavam recuperando assuntos atrasados, por esse motivo os questionários foram deixados com a instituição, para serem aplicados em um horário que os alunos estivessem disponíveis e depois foram encaminhados os resultados para o grupo.

Após receber todos os questionários respondidos, os integrantes da equipe tabularam os resultados. As questões quantitativas foram convertidas em gráficos e as qualitativas em mapas conceituais, pois é um recurso visual que facilita a compreensão e análise.

Para que a análise fosse realizada, as respostas quantitativas referentes a princesa e a bruxa foram comparadas com a intenção de observar se há uma variação significativa entre os referenciais dos entrevistados e subsequentemente, verificar se o padrão de beleza estipulado pela equipe se assemelha ao padrão de beleza dos alunos, caso este exista.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como instrumento de pesquisa, foram aplicados 95 questionários, dos quais 23 em crianças do segundo ano do ensino fundamental, 43 em jovens do primeiro ano do ensino médio e 29 em jovens do terceiro ano do ensino médio. Os questionários infantis se constituíram de perguntas apenas quantitativas, enquanto os dos jovens continham também perguntas subjetivas (qualitativas).

As crianças foram entrevistadas unicamente sobre os aspectos físicos dos personagens, procurando-se verificar a existência de algum padrão nas respostas obtidas, e a correspondência desses supostos padrões com o identificado pelo grupo nos contos de fadas, observados com base nas princesas da Disney, presentes na imagem abaixo (figura 1). Para tal, buscou-se primeiramente comparar as respostas das crianças acerca das características físicas da princesa com as da bruxa do conto.

Figura 1 – Princesas da Disney



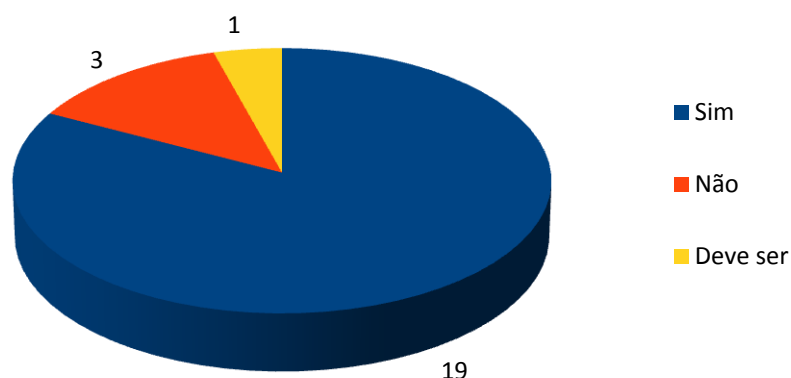
Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=princesas+da+disney&espv=2&biw=1366&bih=638&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiWtYiA38HQAUI5iYKHeliBDkQ_AUIBigB#tbm=isch&q=todas+as+princesas+da+disney+2014&imgcr=XN5N1bK9ALuiDM%3A>. Acesso em: 21 nov. 2016

Quando se perguntou às crianças se a princesa era bonita, a grande maioria delas respondeu que era, e apenas três responderam que não. Já sobre a bruxa, houve uma inversão do quadro, somente quatro crianças responderam afirmativamente (lembrando que o total foi e vinte e três entrevistados). Esse dado serve como guia para perceber as características

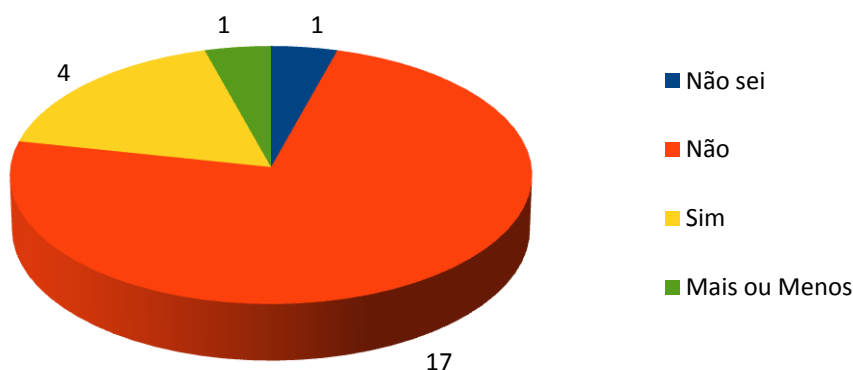
consideradas feias ou bonitas pela maioria das crianças, já que as características da bruxa foram predominantemente associadas à feiura e as da princesa à beleza.

Gráfico 1 - A princesa é bonita?



Fonte: Elaborado pelo grupo

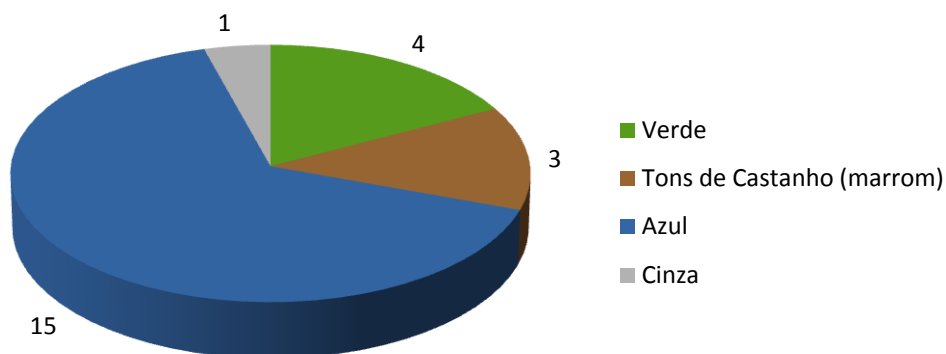
Gráfico 2 - A bruxa é bonita?



Fonte: Elaborado pelo grupo

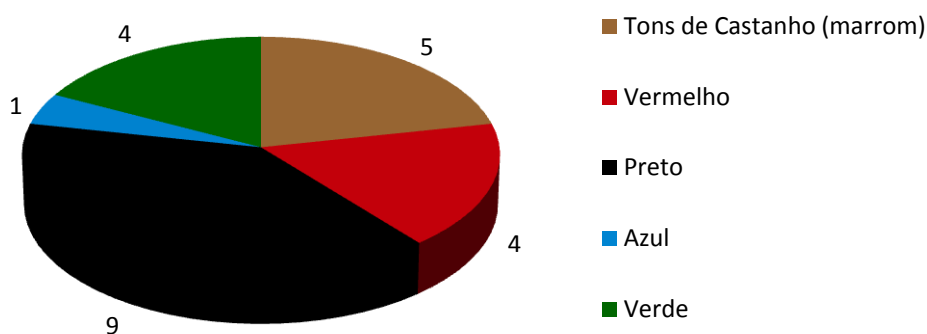
Dentre as características apuradas estão: cor dos olhos, cor e comprimento do cabelo, cor da pele e aparência do corpo. Com relação à cor dos olhos, foi bem clara a existência de um padrão (o de olhos claros) associado à princesa e, conseqüentemente, à beleza. Vinte crianças apontaram cores claras (principalmente azul, mas também verde e, em uma das respostas, cinza), e o restante castanho. De acordo com Harvey (2003), cores claras são associadas à pureza, à alegria e à esperança, enquanto as cores escuras associam-se à noite e a morte. Essa relação também pôde ser observada nos apontamentos das crianças sobre a cor dos olhos da bruxa, predominantemente caracterizados como escuros (pretos, vermelhos e castanhos), por dezoito das vinte e três crianças.

Gráfico 3 - Cor dos olhos da princesa



Fonte: Elaborado pelo grupo

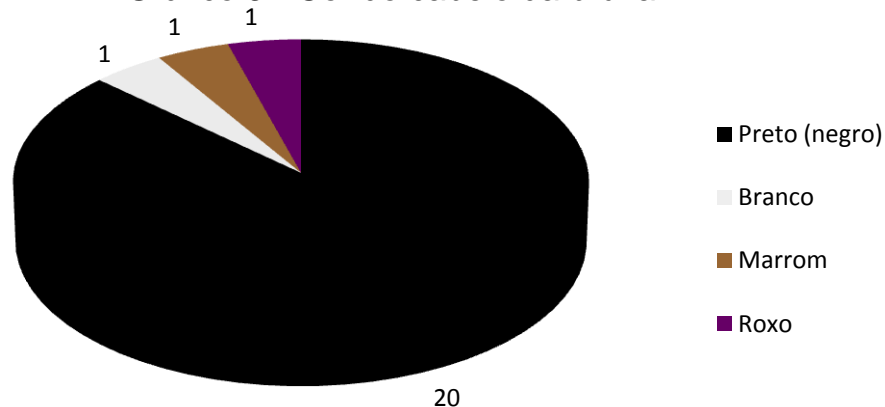
Gráfico 4 - Cor dos olhos da bruxa



Fonte: Elaborado pelo grupo

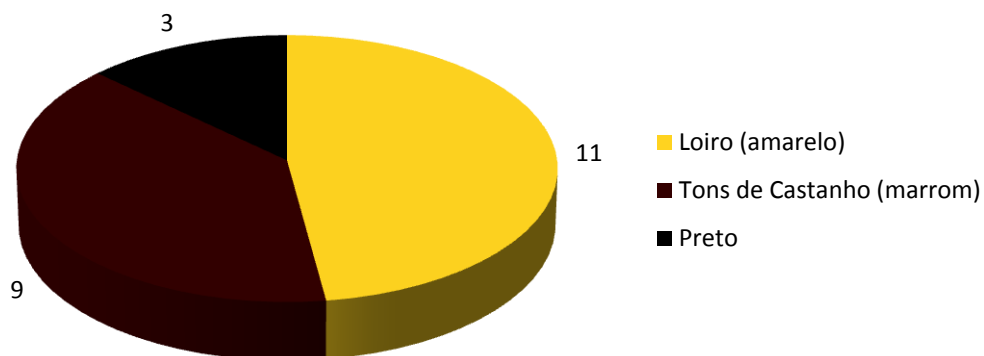
Ainda ressaltando o simbolismo exposto por Harvey, as cores indicadas pelos entrevistados para os cabelos da bruxa foram quase unanimemente escuras (sendo que vinte entrevistados designaram a cor preta), e apenas um entrevistado indicou uma cor clara (branca) o que pode ainda remeter à ideia de velhice. Já nas respostas acerca dos cabelos princesa, não foi tão iminente a associação do claro ao bom, já que não ocorreu uma predominância efetiva de cores claras. A maior incidência foi, sim, de cabelos loiros, mas se somados os números obtidos com as cores escuras (castanho, preto) nota-se uma leve prevalência desses tons. Esse resultado reforça, de certa forma, a influência dos contos de fadas Disney, pois não há uma maioria loira entre as princesas das animações do estúdio.

Gráfico 5 - Cor do cabelo da bruxa



Fonte: Elaborado pelo grupo

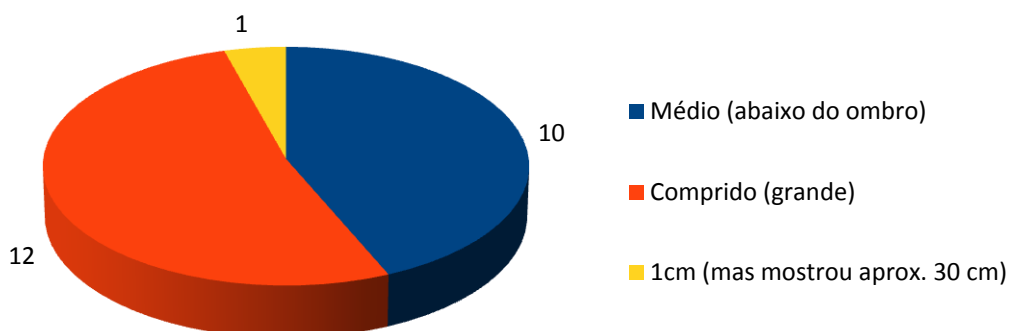
Gráfico 6 - Cor do cabelo da princesa



Fonte: Elaborado pelo grupo

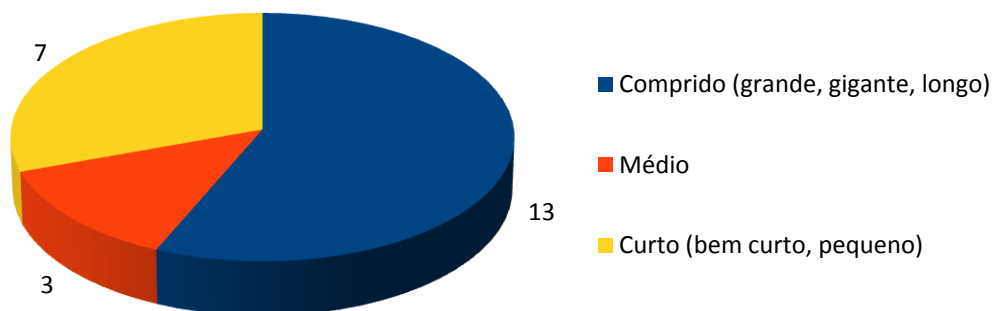
Ainda a respeito dos cabelos, questionou-se sobre o comprimento dos mesmos, pois observa-se que a maioria das princesas dos contos de fadas adaptados pelos estúdios Disney possuem cabelos longos, o que demonstra a existência de uma possível influência quanto a esta característica. Um exemplo claro deste padrão é a princesa Mulan (1998), que corta os cabelos para simbolizar o abandono da feminilidade, quando se passa por um homem para tomar o lugar de seu pai na guerra. Porém esta influência não foi comprovada totalmente com as crianças, através da metodologia. Não houve uma diferença significativa entre os números obtidos para cabelos longos ou médios a respeito da princesa. Cabelos curtos só foram citados pelas crianças quando perguntadas sobre a bruxa, mas para ela os cabelos longos foram predominantes também.

Gráfico 7 - Comprimento do cabelo da princesa



Fonte: Elaborado pelo grupo

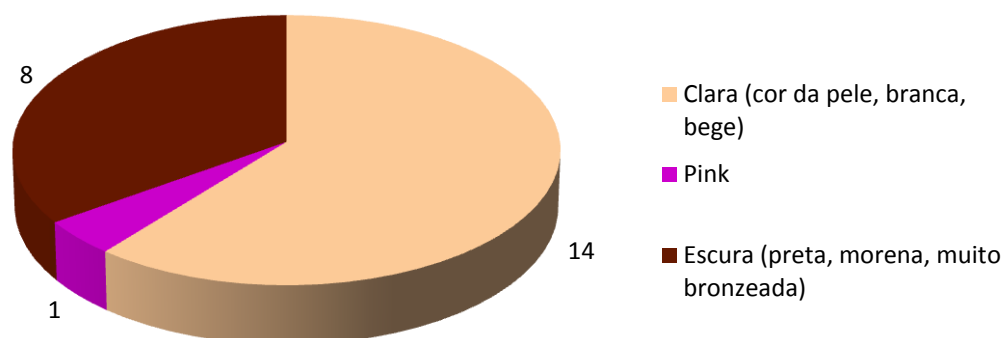
Gráfico 8 - Comprimento do cabelo da bruxa



Fonte: Elaborado pelo grupo

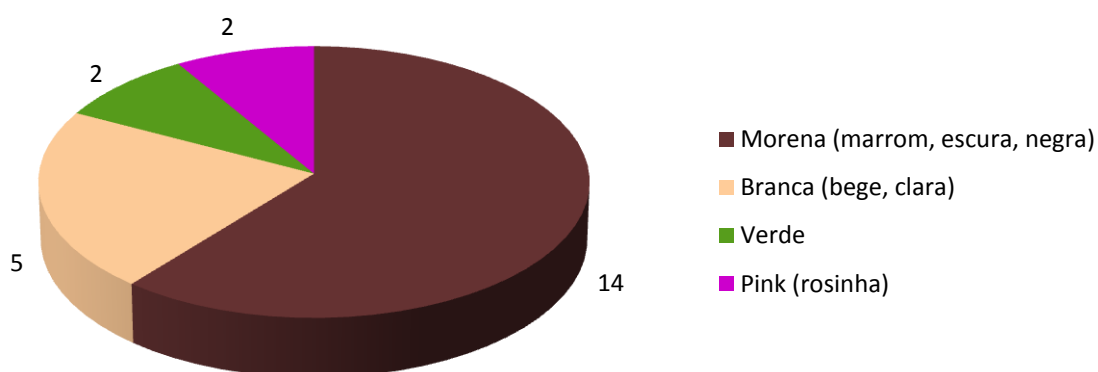
Retornando ao conceito de claro/escuro, observa-se a questão racial ligada aos contos de fadas. A prevalência dos tons claros de pele vinculados à princesa se fez presente nas respostas infantis, enquanto a pele da bruxa foi associada a tons escuros pela maioria das crianças. Esses dados sugerem o caráter de hegemonia branca inerente na mentalidade da maioria das crianças entrevistadas, e revelam a influência exercida pelos contos de fadas em relação a esse padrão. Sabe-se que o racismo é uma das formas de preconceitos mais aparentes na sociedade atual, e através dos dados pode-se perceber que os contos de fadas podem ser um dos fatores responsáveis por esse preconceito estar intrínseco às crianças.

Gráfico 9 - Cor da pele da princesa



Fonte: Elaborado pelo grupo

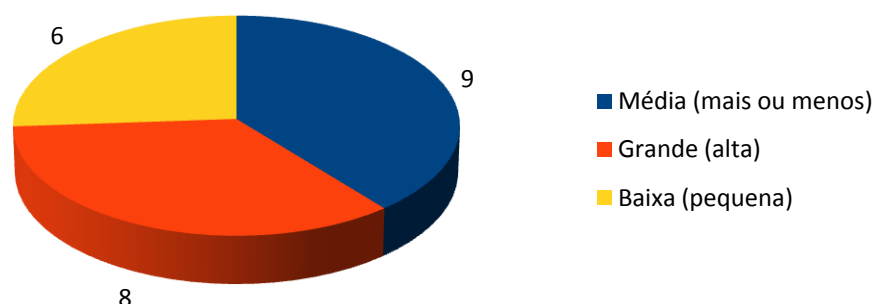
Gráfico 10 - Cor da pele da bruxa



Fonte: Elaborado pelo grupo

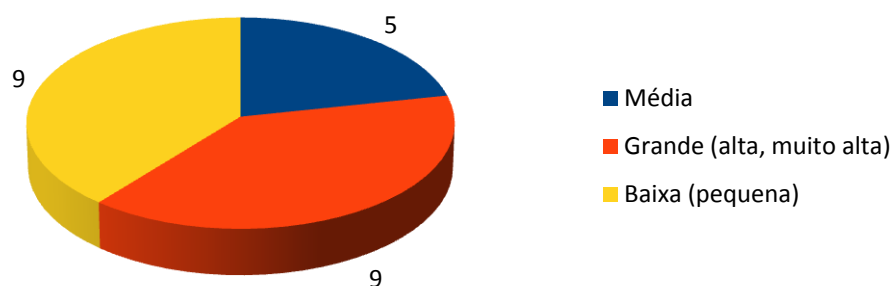
Outra questão abordada pelo grupo foi a altura das personagens. Houve um equilíbrio relativo entre as respostas, não evidenciando de forma clara um padrão dominante. A resposta “baixa” foi mais incidente em associação com a bruxa do que com a princesa, mas não de forma a caracterizar um padrão explícito. Para a princesa houve uma incidência moderadamente maior da altura “média”, enquanto para a bruxa ocorreu uma equidade entre as alturas “alta” e “baixa”, portanto os resultados sobre este aspecto são inconclusivos por não haver uma diferença notável entre eles.

Gráfico 11 - Altura da princesa



Fonte: Elaborado pelo grupo

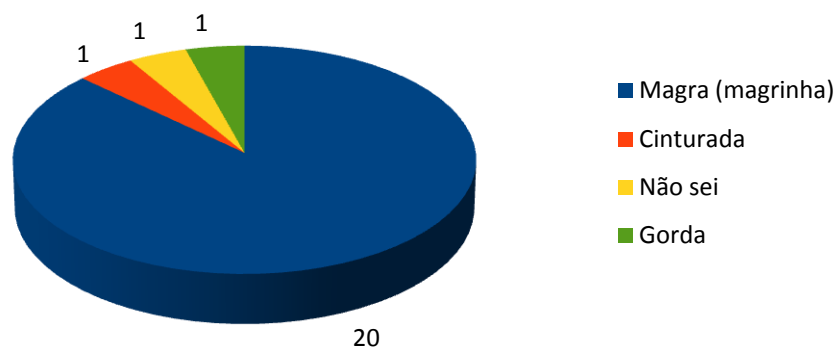
Gráfico 12 - Altura da bruxa



Fonte: Elaborado pelo grupo

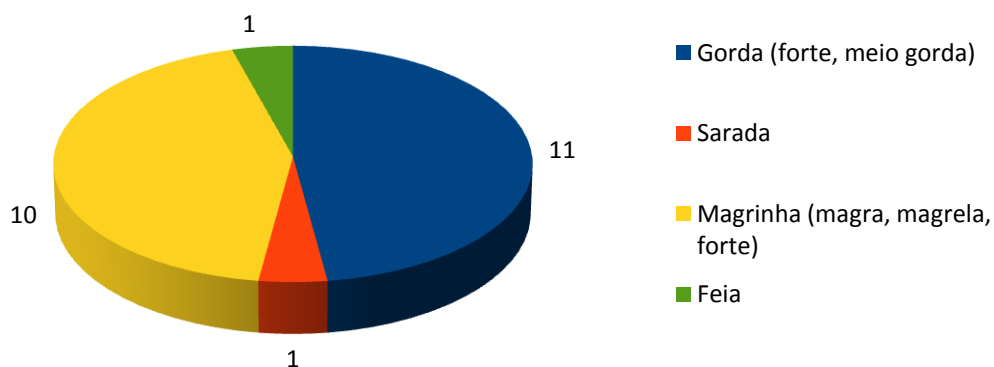
Na sociedade atual o ideal de beleza mais iminente é o da magreza, disseminado pela mídia principalmente através da cultura da academia. Esse padrão está presente nos contos de fadas de maneira muito evidente, pois nota-se que a única característica que todas as princesas da Disney têm realmente em comum é o corpo magro, característica que, cada vez mais, a sociedade impõe como padrão, mesmo que este seja impossível de ser atingido pela maioria da população, segundo Moreno (2008). As respostas das crianças entrevistadas confirmaram a influência exercida acerca dessa característica. A grande maioria delas (dezoito crianças) afirmou que a princesa do conto é magra, e apenas uma delas disse o contrário. Já com a bruxa, onze dos vinte e três entrevistados responderam que ela é gorda. Um aspecto importante foi que várias das crianças se valeram de eufemismos como “gordinha” para fornecerem as respostas, ou demonstraram constrangimento diante delas. Isso demonstra o quão impregnado está o padrão imposto, ao ponto de se tornar uma espécie de tabu.

Gráfico 13 - Físico da princesa



Fonte: Elaborado pelo grupo

Gráfico 14 - Físico da bruxa



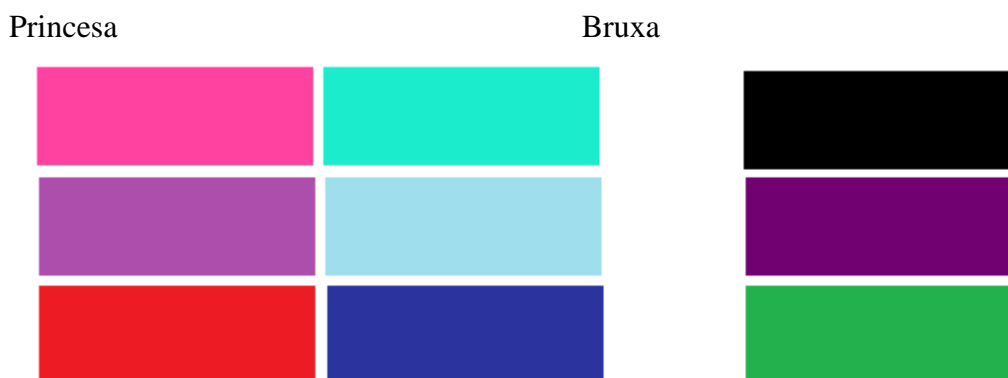
Fonte: Elaborado pelo grupo

Outro momento em que foi possível observar novamente a associação das cores claras com a princesa e escuras com a bruxa, foi ao perguntar como seriam as roupas que elas usavam. Com relação à princesa, quinze das crianças disseram que ela usava vestido (algumas delas especificando cores e outras não) e apenas duas crianças disseram que o vestido seria curto. Algumas mencionaram, ainda, apenas as cores usadas pela personagem. A principal cor citada, pela maioria absoluta das crianças, foi a rosa, ocasionalmente acompanhada de roxo, azul ou vermelho. As únicas cores citadas sem a presença da rosa foram vermelho e verde água (ambos citados por apenas uma criança), conforme figura 2.

Já sobre as roupas da bruxa, a cor que prevaleceu foi o preto, seguido pelo roxo (também citados os dois juntos) e uma das crianças afirmou que a roupa era “toda verde” (figura 2). Um número reduzido de crianças não especificou o tipo de traje, porém a maioria afirmou que ela usava vestido (apenas uma criança disse que o vestido era curto) e alguns dos

entrevistados citaram acessórios como capa e chapéu. As respostas vieram acompanhadas de adjetivos como ‘feio’, ‘simples’ e ‘rasgada’, algumas vezes.

Figura 2 – Paleta de cores das roupas das personagens



Fonte: Elaborado pelo grupo

Como a presente pesquisa tem como foco a observação dos padrões de beleza feminina, as repostas dos entrevistados sobre o príncipe do conto se fizeram necessárias apenas para não causar estranhamento nas crianças no momento em que estivessem respondendo ao questionário, ao se depararem apenas com perguntas sobre as personagens femininas, mas vale ressaltar que os padrões se fizeram presentes nas respostas sobre ele da mesma forma que nas das outras personagens. A maioria das crianças (vinte de vinte e três delas) afirmou que o príncipe era bonito.

Os padrões observados para o personagem masculino diferem dos femininos apenas no que diz respeito ao cabelo (a grande maioria das respostas “castanho” e “curto”) e a altura do príncipe (maioria “alto”), e, além disso quando perguntadas sobre o físico do personagem houveram ocorrências da resposta “forte”, que não foram citadas para as personagens femininas. As demais questões tiveram respostas muito similares às da princesa, mas vale lembrar que não existia um antagonista masculino no conto apresentado às crianças, não sendo possível uma comparação nesse sentido.

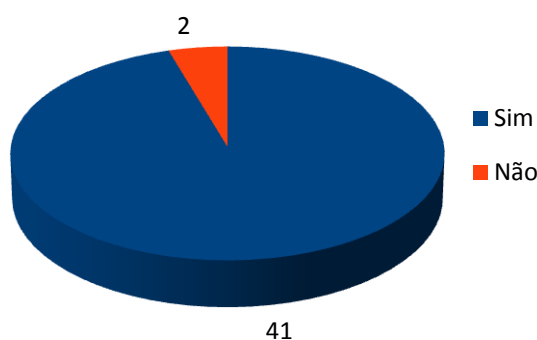
De forma semelhante à princesa e à bruxa, houve uma cor mais incidente nas repostas quando as crianças foram questionadas sobre a roupa do príncipe. No entanto, ao invés de rosa ou preto a cor mais citada foi o azul, ocasionalmente acompanhado pelo verde, e um número pequeno de entrevistados citou o vermelho. Reforçando a ideia de o príncipe ser um guerreiro, foram citadas como vestimenta a “armadura” ou “roupa de cavaleiro”.

Tendo em vista os resultados apresentados até então, pode-se afirmar que os padrões femininos de beleza demonstrados mais enfaticamente pela turma de crianças foram os olhos azuis, a pele clara e a magreza. À feiura se associaram olhos escuros, pele escura e cabelos pretos. Tendo em vista estes resultados pretende-se fazer a comparação com as demais faixas etárias contribuintes para a pesquisa (primeiro e terceiro ano do ensino médio), buscando a possibilidade de perpetuação destes padrões

As duas faixas etárias de jovens que responderam ao questionário não foram muito distintas entre si, e respostas obtidas com os questionamentos foram similares nas duas turmas. Por esses motivos, os resultados obtidos serão analisados simultaneamente, todavia destinando-se também a atenção aos resultados que diferem, tanto entre as turmas de jovens quanto destas e a de crianças. A pesquisa se deu através de questionários com os jovens, enquanto as crianças haviam sido entrevistadas, e a primeira parte dos mesmos (a quantitativa) consistiu-se das mesmas perguntas feitas às crianças.

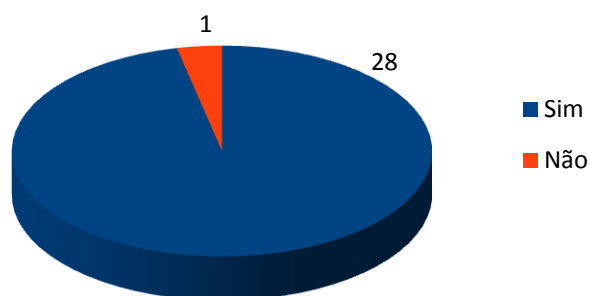
Quando questionou-se sobre a beleza da princesa aos jovens, as respostas foram extremamente semelhantes às das crianças: uma grande maioria afirmou que ela é bonita e pouquíssimos responderam negativamente. Já com relação a bruxa, nas respostas das crianças houve uma inversão do quadro, diferentemente do que ocorreu com os jovens, dos quais praticamente metade afirmou que a bruxa também é bonita. Ou seja, as características físicas da princesa foram totalmente associadas à beleza enquanto as da bruxa foram associadas tanto à beleza quanto à feiura.

Gráfico 15 - (1º ano) A princesa é bonita?



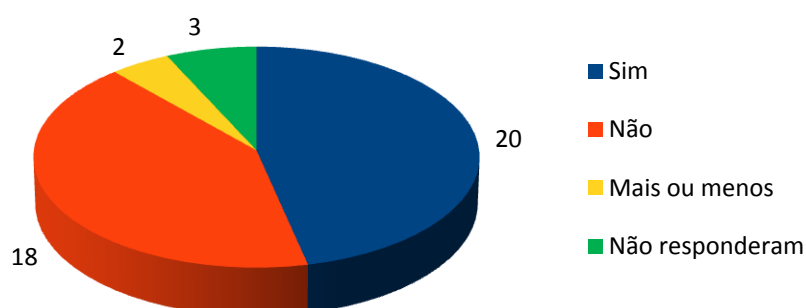
Fonte: Elaborado pelo grupo.

Gráfico 16 - (3º ano) A princesa é bonita?



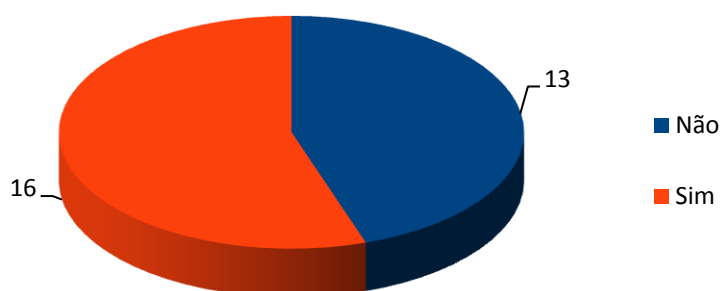
Fonte: Elaborado pelo grupo.

Gráfico 17 - (1º ano) A bruxa é bonita?



Fonte: Elaborado pelo grupo.

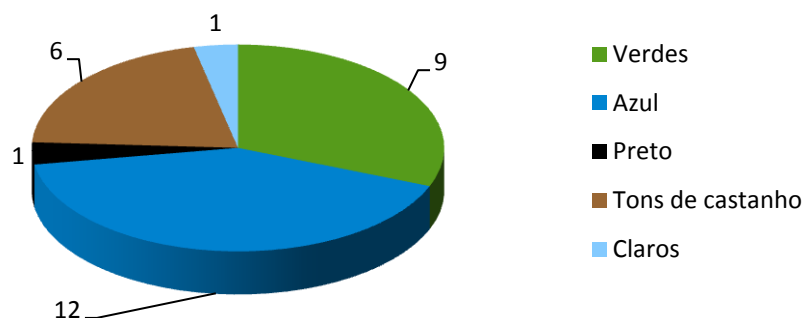
Gráfico 18 - (3º ano) A bruxa é bonita?



Fonte: Elaborado pelo grupo.

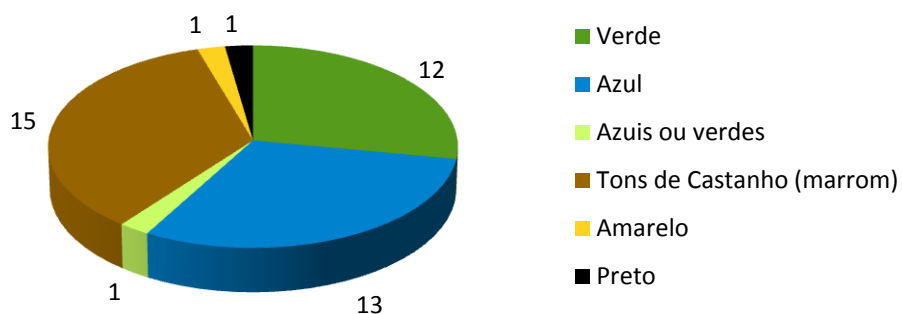
Ao compararmos as respostas dos jovens sobre a cor dos olhos das personagens com as das crianças, percebe-se que, com relação a princesa, o padrão de olhos claros se manteve explícito na turma de terceiro ano (22 dos 29 entrevistados os apontaram), mas não ocorreu de forma tão expressiva na turma de primeiro ano (incidência de 27 num total de 43). O mesmo ocorreu em relação aos olhos da bruxa: a maioria mencionou cores escuras, mas não foi preeminente como nas respostas das crianças.

Gráfico 19 - (3º ano) Cor dos olhos da princesa



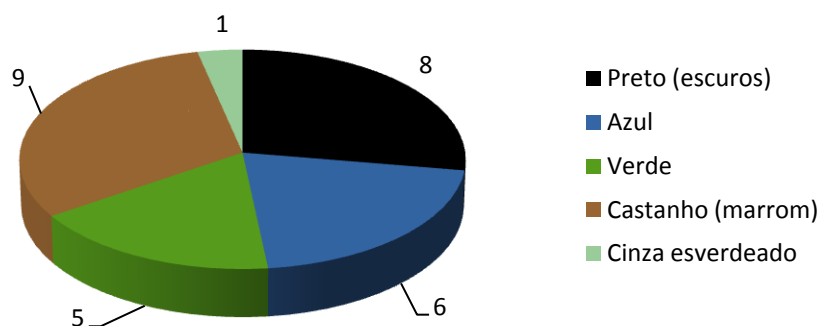
Fonte: Elaborado pelo grupo.

Gráfico 20 - (1º ano) Cor dos olhos da princesa



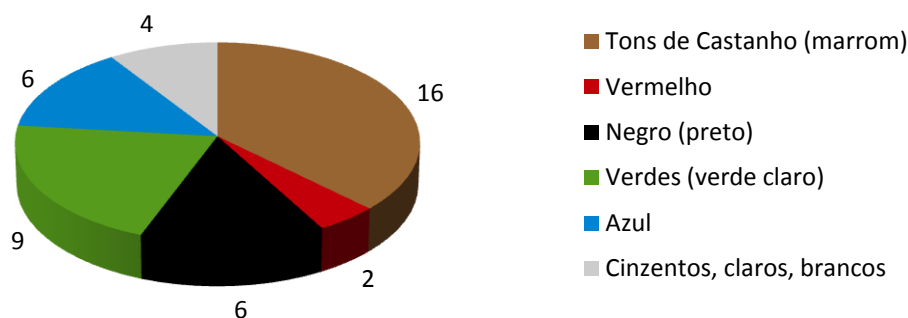
Fonte: Elaborado pelo grupo.

Gráfico 21 - (3º ano) Cor dos olhos da bruxa



Fonte: Elaborado pelo grupo.

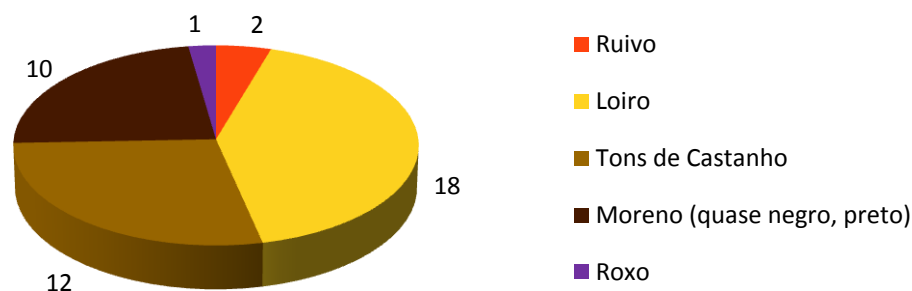
Gráfico 22 - (1º ano) Cor dos olhos da bruxa



Fonte: Elaborado pelo grupo.

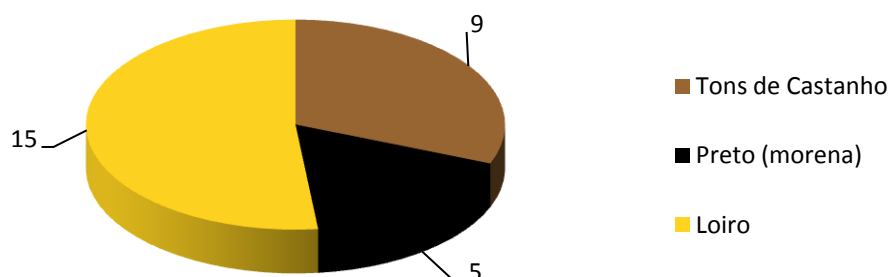
Em relação às cores de cabelo, a tendência para a princesa se manteve praticamente a mesma no primeiro ano (maioria loira, mas inferior à soma de tons escuros). Já no terceiro ano houve uma maior associação aos cabelos loiros do que aos escuros. As respostas juvenis a respeito da bruxa também seguiram a mesma direção que as infantis (grande maioria cabelos escuros). Os primeiranistas não citaram cabelos loiros associados a bruxa, assim como as crianças, mas os estudantes do último ano indicaram esta coloração, em pouca quantidade.

Gráfico 23 - (1º ano) Cor do cabelo da princesa



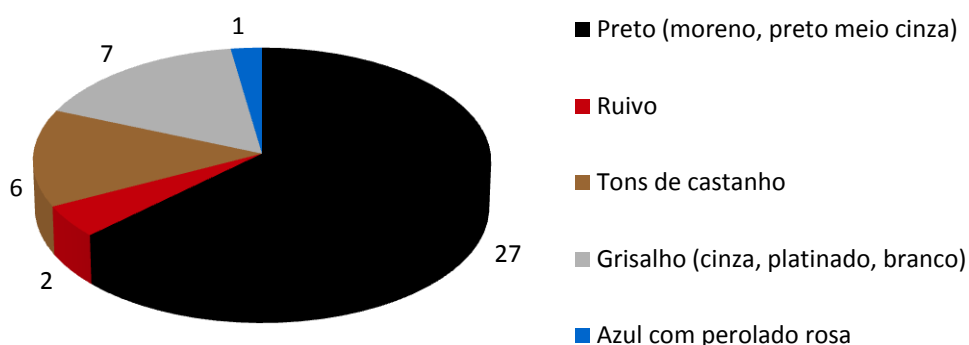
Fonte: Elaborado pelo grupo.

Gráfico 24 - (3º ano) Cor do cabelo da princesa



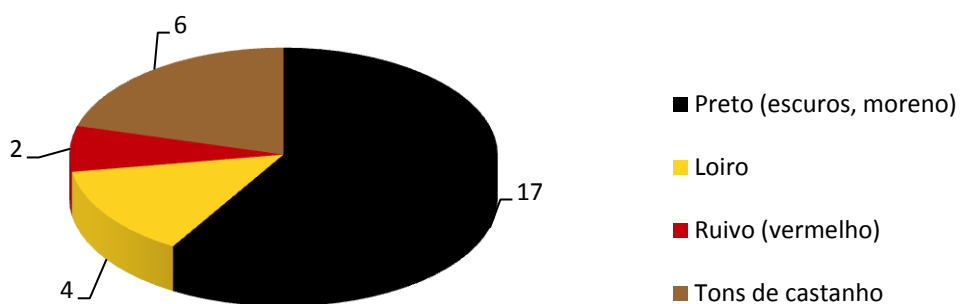
Fonte: Elaborado pelo grupo.

Gráfico 25 - (1º ano) Cor do cabelo da bruxa



Fonte: Elaborado pelo grupo.

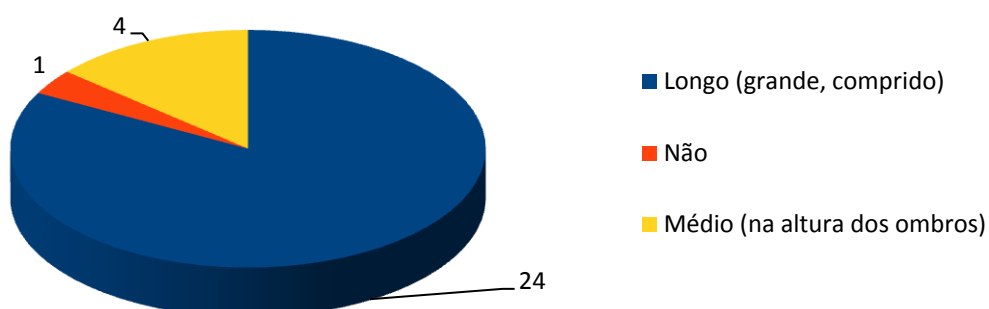
Gráfico 26 - (3º ano) Cor do cabelo da bruxa



Fonte: Elaborado pelo grupo.

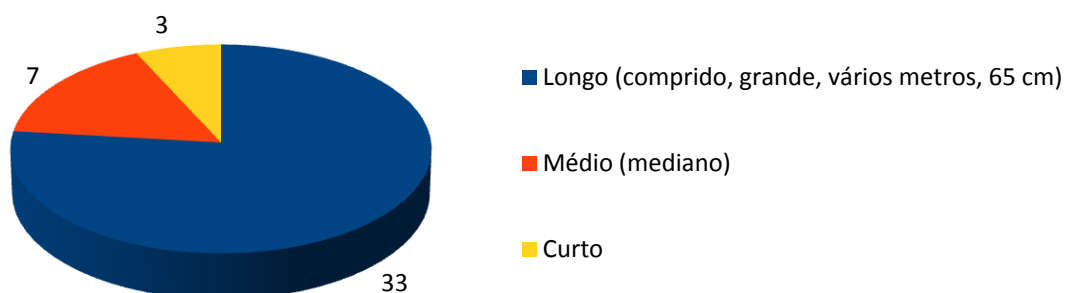
Quanto ao comprimento dos cabelos, a princesa foi descrita pelos jovens de ambas as turmas predominantemente com cabelos longos (não houve um padrão claro entre as crianças), enquanto para a bruxa os resultados se assemelham aos infantis, ou seja, na maior parte das respostas houve associação aos cabelos longos, mas não foi o suficiente para estabelecer um padrão dominante.

Gráfico 27 - (3º ano) Comprimento do cabelo da princesa



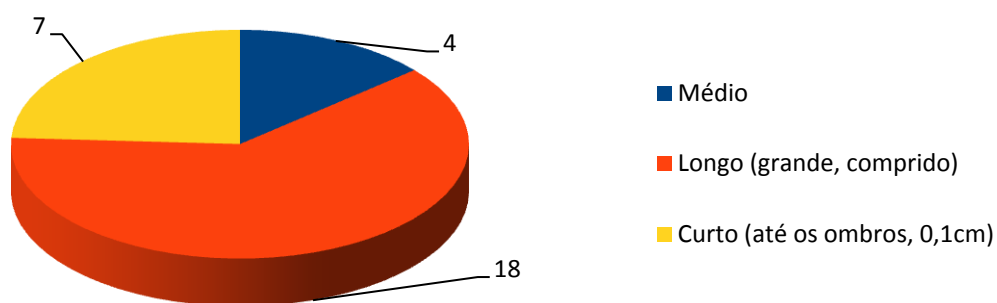
Fonte: Elaborado pelo grupo.

Gráfico 28 - (1º ano) Comprimento do cabelo da princesa



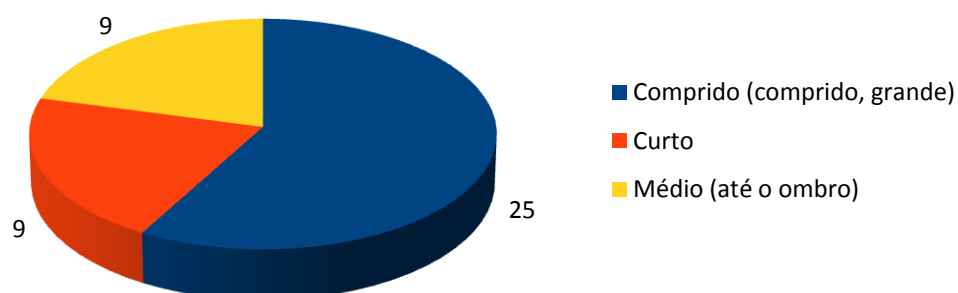
Fonte: Elaborado pelo grupo.

Gráfico 29 - (3º ano) Comprimento do cabelo da bruxa



Fonte: Elaborado pelo grupo.

Gráfico 30 - (1º ano) Comprimento do cabelo da bruxa

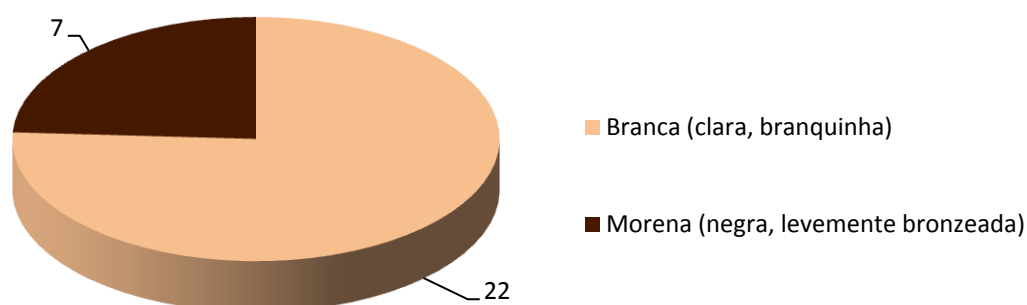


Fonte: Elaborado pelo grupo.

A princesa foi prevalentemente caracterizada como “média” pelos estudantes do ensino médio com relação à sua altura, ao passo que com as crianças não houve prevalência de nenhuma estatura, e novamente os resultados juvenis sobre a bruxa se pareceram com os da turma de crianças, isto é, não houve um padrão claro.

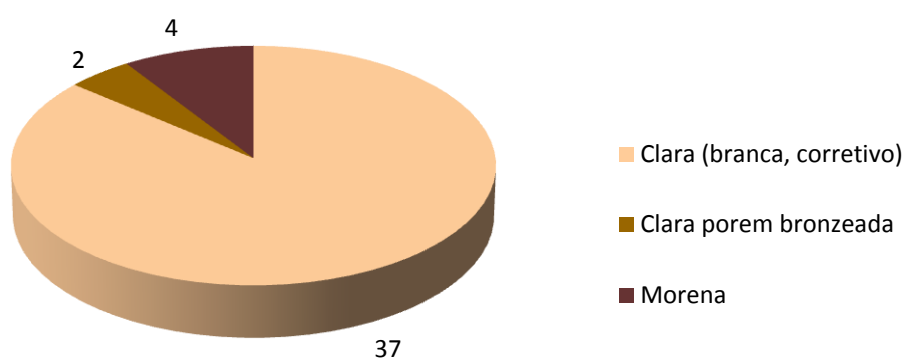
Nas respostas dos jovens relacionadas à questão pele da princesa, mais uma vez houve um predomínio praticamente absoluto da pele clara (em ambas as turmas do ensino médio). Houve uma mudança significativa nos apontamentos sobre a bruxa. Ao passo que as crianças em sua maioria associaram a ela tons escuros de pele, para os jovens ocorreu o inverso. Tons claros de pele foram associados, quase em mesmo número, tanto à bruxa quanto à princesa.

Gráfico 31 - (3º ano) Cor da pele da princesa



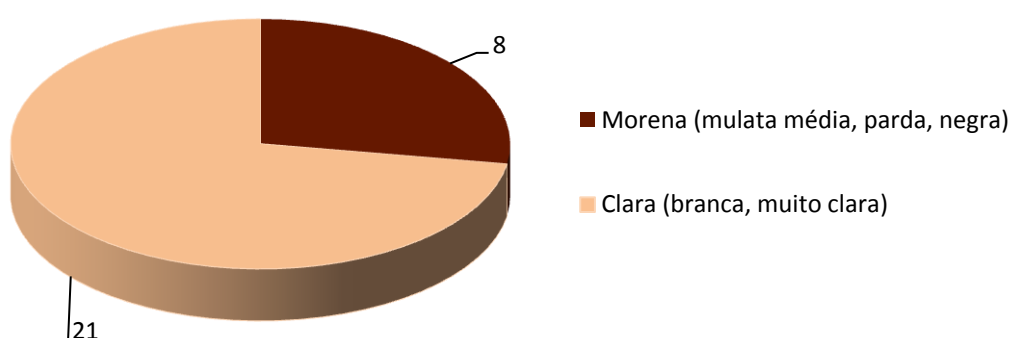
Fonte: Elaborado pelo grupo.

Gráfico 32 - (1º ano) Cor da pele da princesa



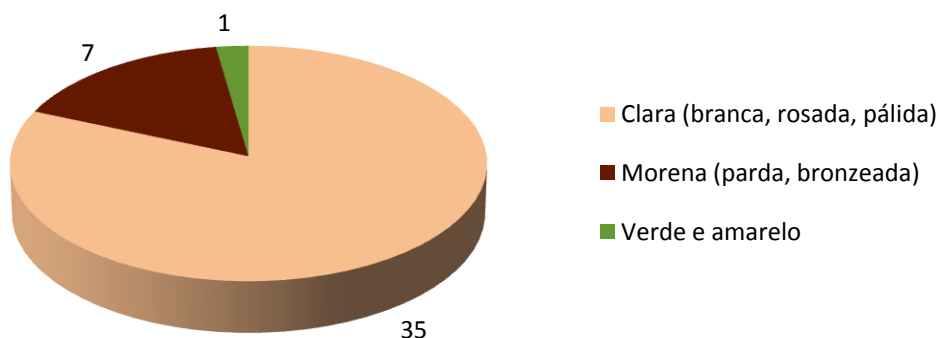
Fonte: Elaborado pelo grupo.

Gráfico 34 - (3º ano) Cor da pele da bruxa



Fonte: Elaborado pelo grupo.

Gráfico 33 - (1º ano) Cor da pele da bruxa



Fonte: Elaborado pelo grupo

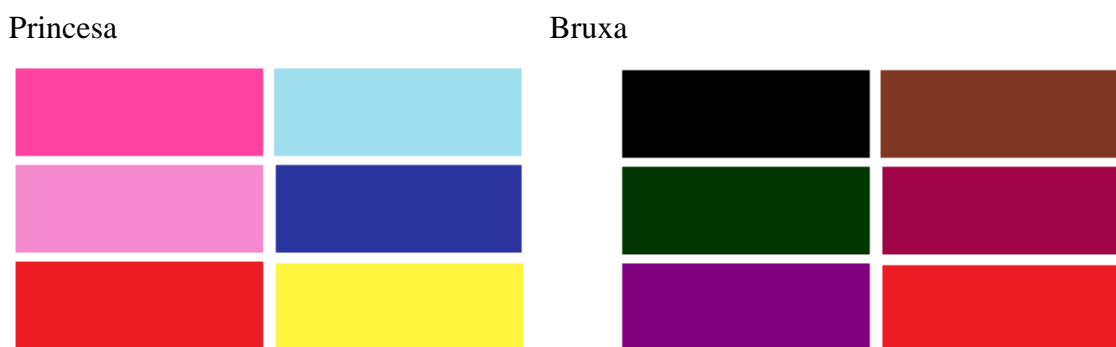
Quando foi perguntado aos jovens de ambas as turmas qual era a aparência física da princesa, de forma semelhante às crianças, a resposta mais incidente foi magra, porém os jovens não se limitaram a responder de forma dicotômica como as crianças (magra ou gorda), mas atribuíram outras características à personagem. Uma grande parcela deles afirmou que a princesa era “encorpada” e que tinha um “corpo violão”, dois jovens afirmaram que a princesa era “tipo Barbie”. Outras associações feitas a princesa foram a delicadeza, a inocência, a jovialidade, cabelos lisos e uma pele bonita e saudável. Pode-se notar, novamente, uma diferença entre as respostas das crianças e jovens quando houve o questionamento da aparência física da bruxa, pois nas respostas das crianças ela foi predominantemente associada com a gordura já nos resultados obtidos através das respostas dos jovens, e já a bruxa foi descrita tanto com adjetivos como magra ou encorpada (associando-se características como jovem, imponente e “tipo Barbie”) quanto como “gorda”, “feia” e “velha”, complementados ocasionalmente por peculiaridades como rugas e um nariz grande.

Os jovens do primeiro e terceiro ano não apresentaram nenhuma diferença significativa ao descrever as roupas usadas pela princesa e pela bruxa. A princesa foi relatada usando vestidos (longos e curtos) pela maioria dos jovens, alguns jovens citando a cor e outros não, de forma muito semelhante às crianças entrevistadas. Um número consideravelmente menor de estudantes do ensino médio associou a princesa com roupas medievais e outros afirmaram que a personagem usava calças jeans e camiseta. Com relação as cores dos trajes da princesa, as que se destacaram foram o rosa e azul (muitas vezes citados tons claros) e em menor quantidade foram indicadas pelos jovens as cores vermelho,

amarelo e “cores vivas”, apenas um jovem afirmou que o traje da princesa tinha tons escuros (Figura 3).

De forma muito semelhante às respostas das crianças sobre a roupa da bruxa, os jovens também a descreveram usando vestido e similarmente acrescentaram acessórios como chapéu pontudo, cinto e capa, e atribuíram adjetivos a esses trajes, como “velho”, “sujo” e “desgastado” frequentemente. As cores associadas a essa personagem foram em sua totalidade tons escuros (uma parcela significativa dos jovens apenas indicou que a roupa seria escura sem especificar a cor), e a principal tonalidade citada foi o preto, mas também foram mencionadas por alguns jovens o roxo, cor de vinho, marrom, vermelho e esmeralda (figura 3)

Figura 3 – Paleta de Cores das Roupas das Personagens



Fonte: Elaborado pelo grupo.

A respeito do Príncipe, entre os alunos do primeiro ano do ensino médio a tendência foi de olhos castanhos, cabelos também castanhos (curtos) e pele clara, e não se pôde perceber um padrão definido quanto à altura do personagem, mas seu físico foi várias vezes associado à força. As roupas citadas foram variadas, mas adjetivos como “social” ou “de realeza” foram bastante recorrentes, e, novamente, alguns contribuintes mencionaram a armadura. As cores indicadas por esses jovens foram azul, branca e preta.

Os resultados não variaram demasiadamente para o terceiro ano. As diferenças são que os olhos foram associados também ao azul quase na mesma medida que ao castanho; que uma maior incidência de “moreno” como tom de pele se comparada a das outras turmas (todavia se mantendo a hegemonia de tons claros, e sem ocorrência em momento algum de “negro”); que houve muitas respostas que declararam o fato de o príncipe ser alto e que também foram citadas as cores vermelha, marrom e dourado na descrição das roupas dele.

A segunda parte do questionário se constituiu de questões qualitativas, buscando a compreensão acerca do conhecimento e opinião dos jovens sobre o assunto da pesquisa.

Quando perguntados sobre os conceitos pessoais de “Padrão de beleza” (questão 7 do questionário), as respostas seguiram principalmente dois caminhos: a maioria dos jovens seguiu uma linha de raciocínio semelhante a: “É um tipo de estética que as pessoas em maioria pretendem seguir para se sentirem aceitos”, sendo que alguns dos jovens citaram a cultura como responsável pela disseminação dos padrões, e outros citaram a magreza como o padrão atuante. Segundo Moreno, a magreza excessiva vem sendo disseminada como padrão de beleza, e a não correspondência a estes padrões pode gerar problemas pessoais como baixa autoestima e ansiedade.

Outra linha de pensamento, não tão recorrente, foi a de que não deveria haver um padrão vigente, explorada em respostas como “O padrão ‘certo’ de beleza é aquele que você se sente bem, não deve haver algum padrão que todos devem seguir”, ou “Padrão de beleza é algo que é estabelecido pela mídia e pela sociedade, mas não precisamos seguir para nos sentir bem”, porém praticamente todas as pessoas que citaram o fato de os indivíduos não precisarem seguir padrões associaram a beleza com as mesmas características que os outros contribuintes, ou seja, a influência ocorre mesmo que inconscientemente.

Casos isolados ocorreram, um associando a beleza às diferenças que os indivíduos têm entre si, com a resposta “[...] Beleza mais de uma vez já apareceu pra mim fora de todo e qualquer ‘padrão’. Inclusive as mais ‘diferentes’ chamam mais atenção, positivamente”, ressaltando, no entanto, que o autor da resposta também seguiu os padrões ditos pelos demais, inclusive fazendo a associação da bruxa à feiura, o que não foi tão incidente nos jovens. A outra resposta singular foi “[o padrão de beleza] é criado e incentivado pelos seres humanos, principalmente para fins comerciais e exaltação de uma beleza não tão comum”, a única que mencionou os fins econômicos dos padrões de beleza e o fato de que as pessoas que correspondem aos dos padrões são na realidade a minoria da população.

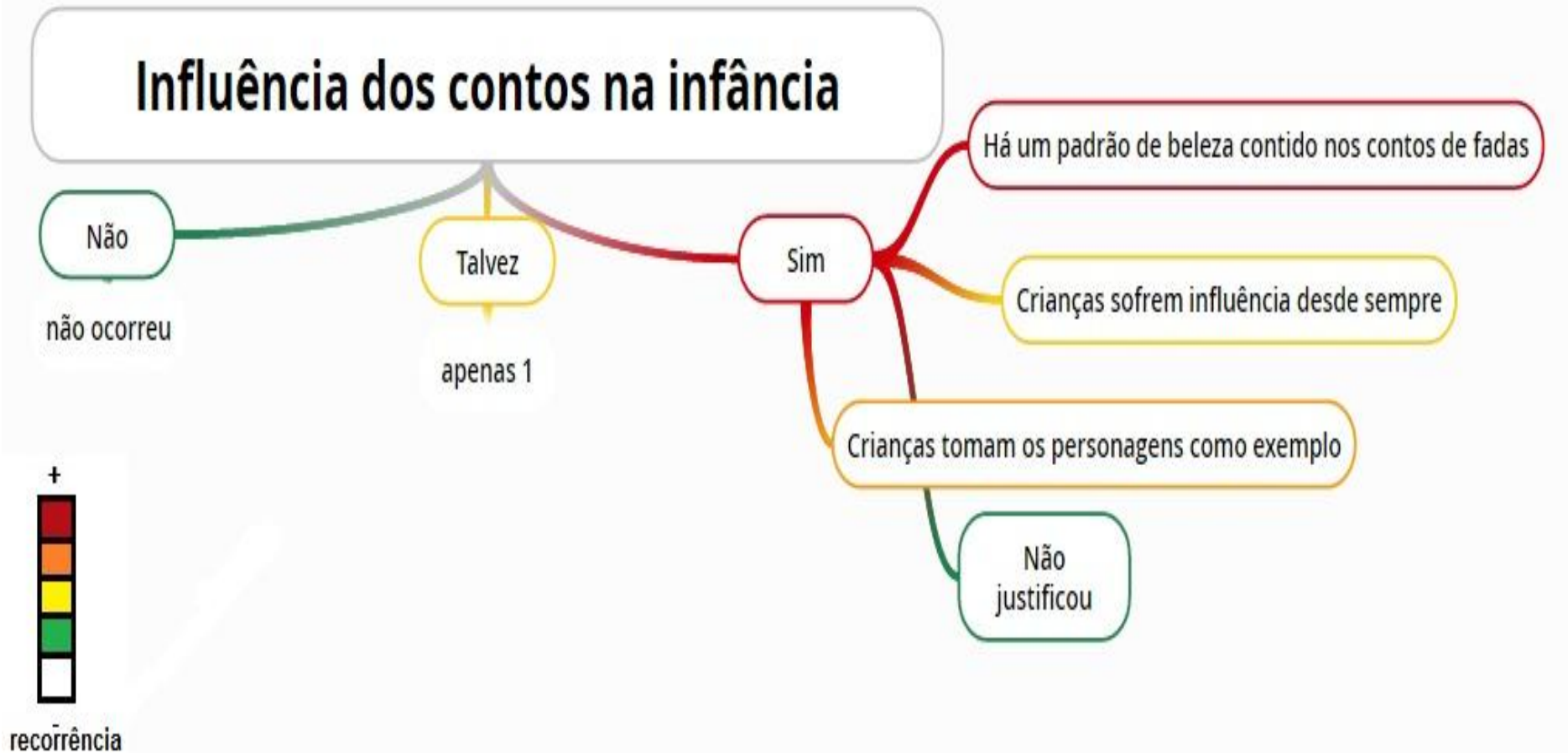
A opinião dos jovens sobre a influência dos contos de fadas nas crianças foi verificada na questão 4 do questionário: “Você acha que os contos de fada influenciam na construção de um padrão de beleza nas crianças? Por quê? Caso a resposta seja afirmativa, qual seria esse padrão?”. Ambas as turmas de jovens tiveram uma maioria esmagadora de respostas afirmativas para a questão e justificativas seguiram uma mesma linha de raciocínio, e foram classificadas da mesma forma para as duas faixas etárias.

A justificativa mais recorrente para as respostas afirmativas foi, justamente, o fato de os personagens dos contos de fadas serem representados por padrões de beleza, e também se notam nas respostas indicações a maior suscetibilidade das crianças em relação a influências externas. Essa afirmação feita pelos jovens é confirmada por Luque e Palácios, que afirmam

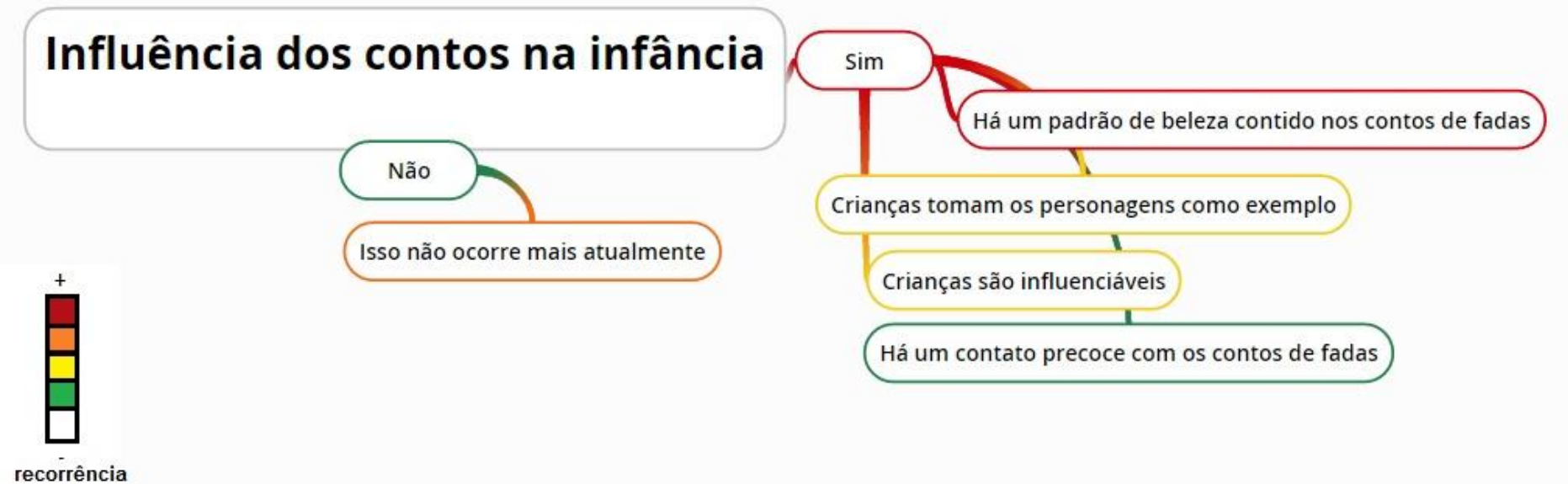
que até os 7 anos as crianças não estão fazendo ligações lógicas ao processo de simbolização por isso são mais suscetíveis a serem influenciadas, enquanto a única justificativa para a negação da existência de influência foi a de que as crianças da atualidade não sofrem mais a influência pelos contos.

Os resultados indicam que a maioria dos jovens tem consciência da existência de padrões de beleza nos contos de fadas, e estes podem ser observados nos mapas conceituais a seguir, onde a incidência das respostas foi representada por cores (quanto mais próxima a cor do vermelho, mais incidente a resposta em relação as outras).

Questão 4 / 1 ano



Questão 4 / 3 ano



Em seguida perguntou-se sobre a influência que os contos exercem sobre os jovens, que era afinal a faixa etária dos que respondiam aos questionários, ao que as respostas afirmativas e negativas se dividiram em número. No terceiro ano as justificativas positivas se mantiveram praticamente as mesmas da questão anterior, mas no primeiro ano foram apontadas também as justificativas de que os jovens são indiretamente influenciados por causa da influência adquirida na infância, e as negativas envolveram em ambas as turmas principalmente a maior consciência crítica adquirida pelos jovens e, em seguida, os outros meios de disseminação dos padrões que não os contos de fadas, como a mídia.

Questão 5 / 1 ano



recorrência

Mais especificamente, sobre cada indivíduo questionou-se sobre a influência pessoal sofrida através dos contos, e a maioria dos jovens (de ambas as turmas) responderam que ela existiu, sim, mas não se mantém na atualidade, e um menor número deles respondeu que não foram influenciados, sendo que as respostas afirmativas requeriam uma explicação sobre o sentido em que a influência ocorrera.

Os jovens do primeiro ano que deram respostas afirmativas indicaram principalmente que percebem a influência ao associar a beleza aos padrões presentes nos contos e ao se espelharem nos personagens, mas também exemplificam escrevendo que os contos os incentivaram a associar bondade à beleza e a corresponderem aos padrões característicos dos personagens (no caso, os cabelos compridos das princesas), fazendo com que se criassem preconceitos a respeito da imagem do próximo. É importante lembrar que não foi possível interpretar algumas respostas, que se mostraram incoerentes, e houveram jovens que não justificaram a questão, o que pode indicar que há falta de reflexão cotidiana sobre o assunto.

Questão 6 / 1 ano



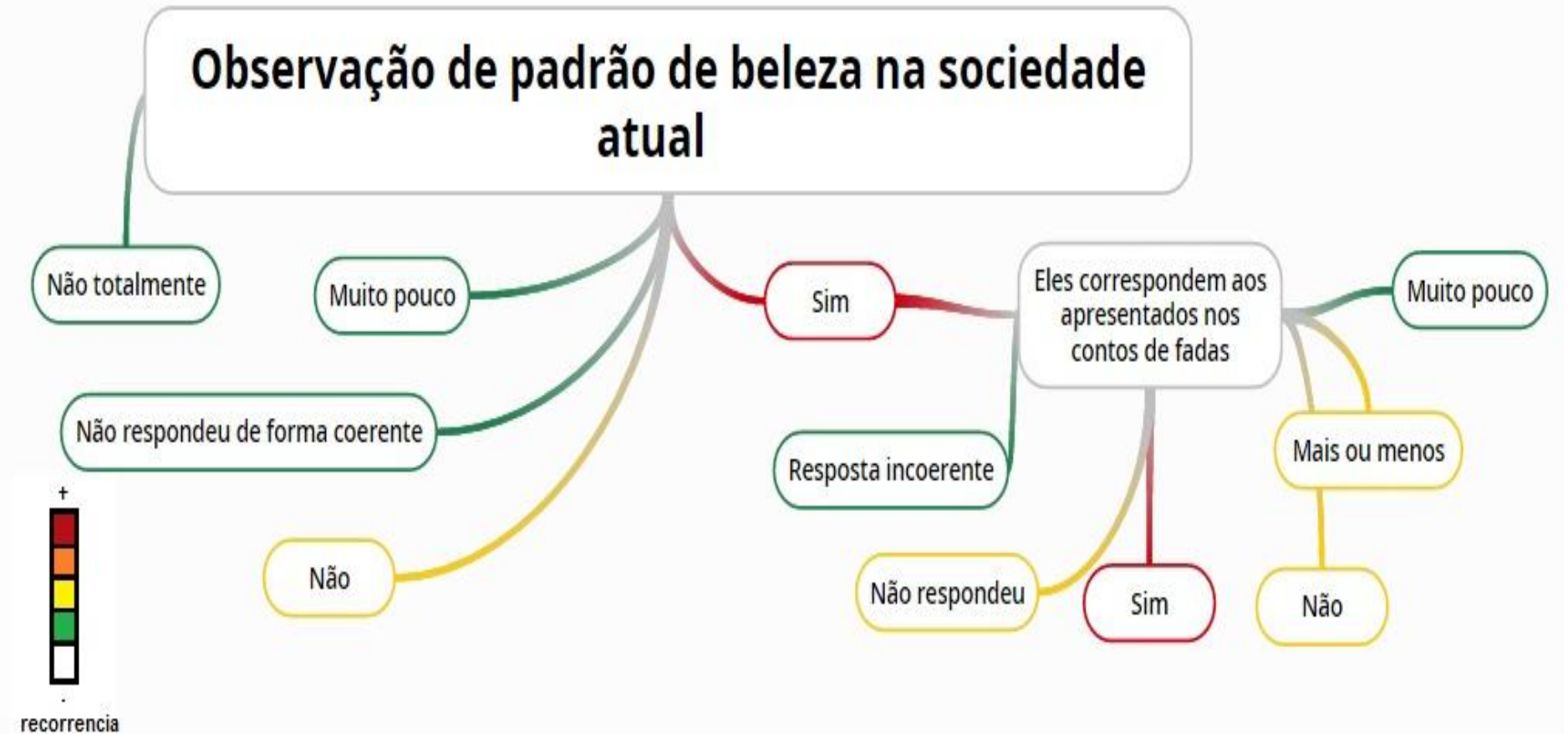
Os estudantes do terceiro ano elucidaram o sentido da influência escrevendo que ela ocorreu tanto com relação à aparência física (ao tentar seguir o padrão e se espelhar nas princesas, buscando um corpo ou aparência perfeitos) quanto ao caráter e comportamento, já que as princesas apresentam atitudes próprias que também exercem influência.

Questão 6 / 3 ano



Para última questão: “Você observa algum padrão de beleza na sociedade atual? Se sim, eles correspondem aos supostamente apresentados nos contos de fadas?” a maioria dos alunos das duas turmas respondeu afirmativamente para as duas perguntas, e a turma de primeiro ano complementou a maioria das respostas, destacando a cultura da academia (busca pelo corpo perfeito), a hegemonia masculina, os aspectos sociais e econômicos dos referenciais de beleza e a existência de padrões comportamentais, enquanto a turma de terceiro ano fez uso de respostas objetivas perante o questionamento.

Questão 8 / 3 ano



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os principais objetivos do projeto de pesquisa eram obter uma melhor compreensão sobre os contos de fadas, fazendo análises sobre os padrões femininos de beleza neles contidos; Entender o conceito ocidental de padrão de beleza e estabelecer o atuante a sociedade contemporânea; obter uma melhor compreensão sobre a maneira que as crianças absorvem as informações obtidas por meio dos contos de fadas e averiguar se os padrões de beleza contidos nos contos de fadas da Disney adquiridos na infância se perpetuam na juventude.

Com base nas pesquisas bibliográficas, o grupo pôde obter uma melhor compreensão sobre os contos de fadas *disneyficados*, comprovando que eles apresentam um ideal de beleza e comportamento feminino, principalmente nas histórias referentes às princesas clássicas, e que mesmo com a tentativa das animações contemporâneas de amenizá-lo, esse padrão continua exercendo uma forte influência e, ademais, pôde-se obter um melhor entendimento sobre o conceito de padrão de beleza da sociedade ocidental, bem como do ideal de beleza atuante na sociedade contemporânea e como as crianças absorvem essas informações.

A partir dos objetivos formulados pelo grupo, foram desenvolvidas as seguintes hipóteses:

- Os contos de fadas exercem influência na percepção das crianças sobre padrão de beleza. Esta hipótese foi corroborada a partir da análise das entrevistas, já que houve uma tendência nas respostas das crianças;

- Ao longo da juventude, é perpetuado o padrão de beleza adquirido na infância. Conclui-se que essa suposição está correta, pois as respostas dos questionários aplicados nos jovens revelaram-se similares às das entrevistas com as crianças;

-Esse padrão de beleza influencia negativamente nas relações interpessoais das pessoas. A metodologia não foi suficiente para corroborar totalmente essa hipótese, porém dentre as respostas das questões se destacaram algumas que indicam aspectos podem levar a prejudicar essas relações, nas questões de cor da pele por exemplo, alguns jovens responderam que a personagem boa tem pele clara e a má tem pele morena, poderia ser feita a associação de que pessoas com tons de pele mais escura tendem a ter um caráter ruim, o que caracteriza preconceito no âmbito social. E, em outros casos, na questão que perguntava aos jovens se o padrão os influenciara anteriormente, houve alguns nos quais contribuintes responderam que já julgaram pessoas baseadas em um padrão de beleza. Em ambos os casos, as os apontamentos das respostas podem ser observados como uma forma de dificultar

qualquer relação positiva que possa vir a se estabelecer com um indivíduo que não se encaixa no padrão imposto.

-Algumas pessoas são mais influenciadas que outras. Esta hipótese, por sua vez, foi comprovada a partir das diferentes respostas fornecidas pelas crianças e jovens, nas quais alguns responderam de forma muito similar ao padrão dos contos de fada, detectado pela equipe, enquanto outros não apresentaram similaridades de forma tão explícita, e outros quase não apresentaram semelhanças.

Ao longo das análises, constatou-se que, mesmo existindo casos em que eles não se aplicam por fatores diversos, o padrão de beleza está presente na maioria deles, compreendendo-se, dessa forma, que as referências apresentadas nos contos de fadas são vigentes em nossa sociedade, ao menos na amostra dela que fez parte da pesquisa, concluindo-se portanto que uma parcela do preconceito vivenciado pela sociedade atual pode ter relação com os contos de fada, mesmo que de forma indireta, por meio da influência exercida nas crianças (já que entre os jovens há uma sorte de veículos de informação encarregados de apresentar padrões), que terão estes padrões intrínsecos às suas vidas, e serão a parte ativa da sociedade no futuro.

REFERÊNCIAS

BARROS, Lilian Ried Miller. **A cor no processo criativo: um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe**. 4. ed. São Paulo: Editora Senac, 2011.

BELARMINO, Renata Cristina; BORGES, Larissa Amorim. **A princesa branca dos contos de fadas e a mulher negra da vida real: uma discussão sobre gênero e raça no conto da Cinderela**. Minas Gerais, 2010.

BELLONI, Maria Luiza. **Infância, Mídias e Educação: revisitando o conceito de socialização**. Florianópolis, v. 25, n. 1, 57-82, jan./jun. 2007.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos Contos de fadas**. 16ª edição. SP: Paz e Terra, 2002.

BREDER, Fernanda Cabanez. **Feminismo e príncipes encantados: A representação feminina nos filmes de princesa da Disney**. Orientador: Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa. Monografia (Graduação em Comunicação social Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de comunicação - ECO. Rio de Janeiro, 2013.

CASSIMIRO, Érica Silva; GALDINO, Francisco Flávio Sales. **As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia antiga à contemporaneidade**. Orientador: Geraldo Mateus de Sá. Universidade do Estado do Pará. São José, 2012.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. São Paulo.

CARVALHO, Déborah Soares de. **A representação da mulher na mídia: questões de gênero e poder**. Brasília, 2016.

COLLING, Ana. **A construção histórica do feminino e do masculino**. Em: Strey, M. M., CABEDA, S. T. & PREHN, D. R. (Orgs.). *Gênero e Cultura, Questões Contemporâneas*. (p. 15-17). Porto Alegre: ed. EDIPUCRS, 2004

FRANZ, Marie Louise von. **A sombra e o mal nos contos de fadas**. 3ª edição. São Paulo: Paulos, 2002.

DUARTE, Nathalia Tourinho. **Ascensão das vilãs dos contos de fadas na contemporaneidade**. Rio de Janeiro, 2015.

HARVEY, John. **Homens de preto**. São Paulo: Editora UNESP, 2003

HIDALGO, Victoria; PALACIOS, Jesús. Desenvolvimento da personalidade dos 6 aos 12 anos. In COLL, César; MARCHESI, Alvaro; PALACIOS, Jesús (Orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v.1. p. 248

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas S. A, 2003

LEBLANC, Catherine. **Como apavorar as bruxas?** 2. ed. São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2015.

LIMA, Maria Valdinele Neves de. **Quem conta um conto aumenta um ponto: a (des)construção da maldade em Malévola.** Guararibira: PB, 2015

LOPES, Karine Elisa Luchtemberg dos Santos. **Análise da evolução do Estereótipo das princesas Disney.** Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do Centro Universitário de Brasília UniCEUB, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. Orientadora: MsC. Úrsula Betina Diesel. Brasília, 2015

LUQUE, Alfonso; PALACIOS, Jesús. Inteligência Sensorio-motora. In COLL, César; MARCHESI, Alvaro; PALACIOS, Jesús (Orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v.1. p. 58-59

MORENO, Rachel. **A beleza impossível: mulher, mídia e consumo.** São Paulo: Ágora, 2008

PALACIOS, Jesús. Introdução à Psicologia Evolutiva: Historia, Conceitos Básicos e Metodologia. In COLL, César; MARCHESI, Alvaro; PALACIOS, Jesús (Orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v.1. p. 10.

REIS, Simone de Campos. **O que são contos de fadas?** Recife: UFPE, 2014

SÁ, Caroline de. **O lugar dos contos de fadas na atualidade.** Orientador: Prof. Michele Kamers. Blumenau, 2008. Trabalho de conclusão de curso apresentado no Curso de Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Saúde de Universidade Regional de Blumenau, como requisito parcial para a obtenção do título em Bacharel em Psicologia.

SILVA, Maria Verônica Oliveira da. **O encantamento dos contos de fadas.** Orientador: Prof. Natália de Lacerda Gil. Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED/UFRGS. Porto Alegre, 2010

SOARES, Livia Maria Rosa; CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A representação da nina e da mulher no conto de fadas moderno: novos destinos em “Além do bastidor” e “A moça tecelã” de Marina Colasanti.** *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 40, n. 68, p. 75-83, jan. 2015. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/5114>>. Acesso em: 25 set. 2016.

VASCONCELOS, Naumi A. de; SUDO, Iana e SUDO, Nara. **Um Peso na Alma: O Corpo Gordo e a Mídia.** *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. IV, nº. 1, março /2004.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992

APÊNDICES

Apêndice I

A princesa Angelina

Era uma vez uma princesa que vivia num reino distante. Seu nome era Angelina e ela era muito querida pela população pois, todos os dias, no final da tarde, ia de casa em casa distribuindo comida aos pobres do reino, como sua mãe a havia ensinado desde pequena. Mas havia uma casa que ficava muito perto da floresta, quase encoberta pela vegetação, em um lugar muito escuro, e parecia abandonada. Angelina tinha muito medo de passar por ali, e por isso deixava esta casa de lado.

O que ela não sabia era que ali morava uma bruxa. Esta bruxa se chamava Luna, que ficou muito ressentida com a princesa por ser ignorada. Certo dia, tomada de raiva, Luna atraiu Angelina com sua mágica para o coração da floresta, e a escondeu em uma gruta atrás de uma cachoeira, dizendo que apenas o seu verdadeiro amor poderia tirá-la de lá.

Todos ficaram muito tristes com o sumiço da princesa, e muitas pessoas foram mandadas atrás dela, sem sucesso. A floresta era grande demais e somente os mais corajosos a desbravavam. Além disso o feitiço da bruxa impedia que a princesa fosse encontrada.

Certo dia, um príncipe muito corajoso chamado Bravos estava cavalgando na floresta. Ele foi adentrando cada vez mais por entre as árvores, até que ouviu a mais bela voz que jamais escutara. Ele seguiu essa voz, que o levou para uma cachoeira. Bravos procurou à sua volta, esperando ver a linda jovem dona daquela voz, mas não viu nada. Mesmo assim continuava ouvindo a canção, acima do ruído da queda da água. Ele procurou nos arredores, mas não viu ninguém. Num certo momento, a música parou. Desapontado, Bravos voltou para o reino, com a voz ainda ecoando em sua mente.

Enquanto isso, a princesa vivia triste. Ela estava muito solitária naquela gruta, sem nenhum amigo para conversar. Sua mente lhe pregava peças. Por exemplo, ela pensou ter ouvido alguém do lado de fora enquanto cantava. Angelina pensava com muita saudade na sua mãe e nos seus ensinamentos sobre o amor e coragem e, apesar de tudo, tinha a esperança de sair de lá.

Bravos não conseguia parar de pensar na voz, e por isso voltava todos os dias ao lugar onde a ouvira pela primeira vez, na esperança de encontrar a dona da canção. Depois de vários dias, ele percebeu o motivo de tudo isso. Estava apaixonado.

E no mesmo momento em que percebeu isso, vislumbrou uma silhueta por detrás da cachoeira. Sem pensar duas vezes, ele pulou na água, atravessou a correnteza e encontrou

uma gruta, onde estava a jovem que, certamente, era dona da voz. O príncipe a tirou de lá e a levou de volta ao castelo, onde foram recebidos com muita alegria.

Depois de refletir a respeito do que tinha acontecido, Angelina percebeu que podia ser mais corajosa, e foi falar com a bruxa, pedindo desculpas a ela por não ter lhe dado comida. Mas disse que, mesmo assim, a atitude de Luna não tinha sido correta. Então, a bruxa recebeu a tarefa de distribuir comida para os carentes junto com a princesa. Luna não gostava de fazer isso, pois era muito egoísta, ao contrário de Angelina. Assim ela aprendeu a lição e nunca mais guardou rancor das pessoas a sua volta.

Um tempo depois, o príncipe Bravos e a Princesa Angelina se casaram, e viveram felizes para sempre.

Apêndice II

Questionário infantil

Sexo: Feminino () Masculino () Outro()

Idade: _____

1- Como você acha que era a Princesa Angelina?

-Cor dos olhos:

-Cor do cabelo:

-Comprimento do cabelo:

-Roupa:

-Cor da pele:

-Altura:

-Como ela é fisicamente?

-Ela é bonita?

2- Como você acha que é a Bruxa Luna?

-Cor dos olhos:

-Cor do cabelo:

-Comprimento do cabelo:

-Roupa:

-Cor da pele:

-Altura:

-Como ela é fisicamente?

-Ela é bonita?

3- Como você acha que é o príncipe?

-Cor dos olhos:

-Cor dos cabelos:

-Comprimento do cabelo:

-Roupa:

-Cor da pele:

-Altura:

-Como ele é fisicamente?

-Ele é bonito?

Apêndice III

Questionário juvenil

Sexo: Feminino () Masculino () Outro ()

Idade: _____

1- Como você acha que era a Princesa Angelina?

-Cor dos olhos:

-Cor do cabelo:

-Comprimento do cabelo:

-Roupa:

-Cor da pele:

-Altura:

-Como ela é fisicamente?

-Ela é bonita?

2- Como você acha que é a Bruxa Luna?

-Cor dos olhos:

-Cor do cabelo:

-Comprimento do cabelo:

-Roupa:

-Cor da pele:

-Altura:

-Como ela é fisicamente?

-Ela é bonita?

3- Como você acha que é o príncipe?

-Cor dos olhos:

-Cor dos cabelos:

-Comprimento do cabelo:

-Roupa:

-Cor da pele:

-Altura:

-Como ele é fisicamente?

-Ele é bonito?

4 - Você acha que os contos de fada influenciam na construção de um padrão de beleza nas crianças? Por quê? Caso a resposta seja afirmativa, qual seria esse padrão?

5 - Você acha que os contos de fada influenciam na construção de um padrão de beleza nos jovens? Por quê? Caso a resposta seja afirmativa, qual seria esse padrão?

6- Você, particularmente, acredita que foi influenciado(a) por algum padrão de beleza em razão dos contos de fada?

Caso a resposta seja afirmativa:

a) Você ainda é influenciado(a) por esse padrão?

b) Em que sentido você foi influenciado(a) por ele?

7- O que você entende por padrão de beleza?

8- Você observa algum padrão de beleza na sociedade atual? Se sim, eles correspondem aos supostamente apresentados nos contos de fadas?